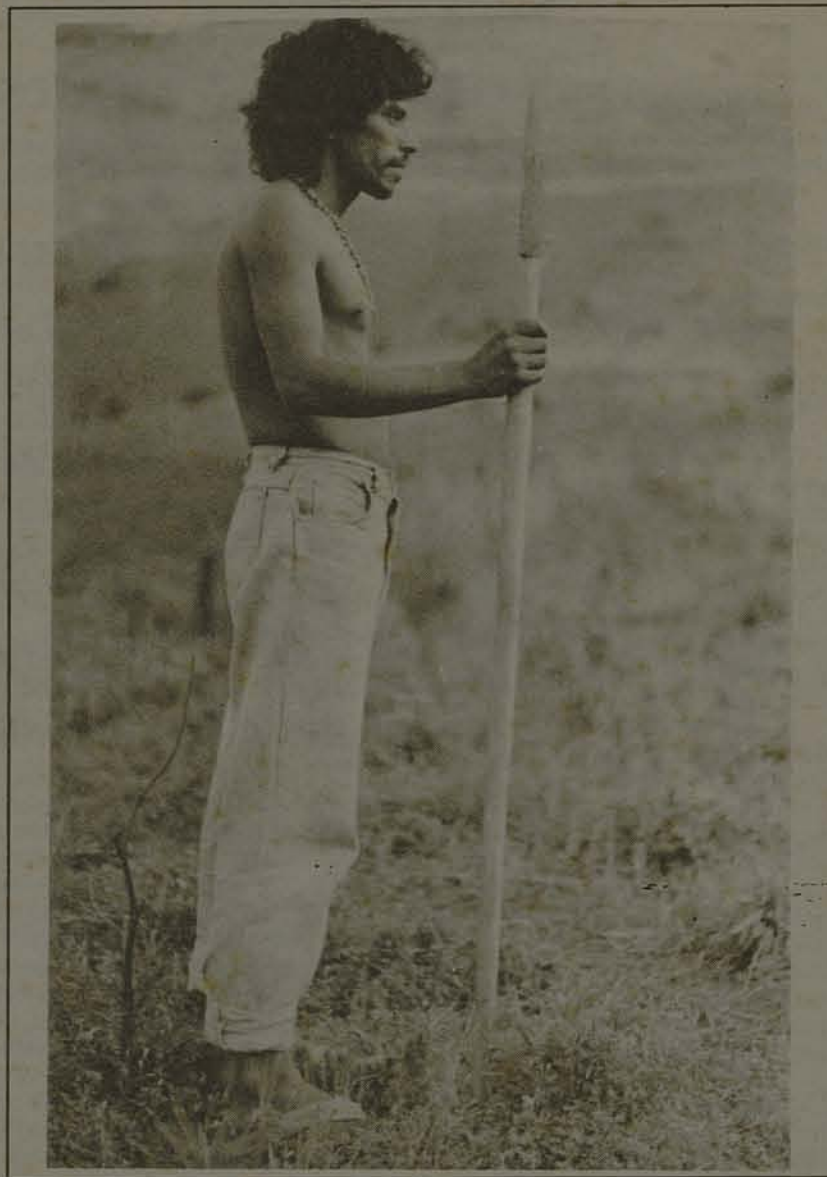
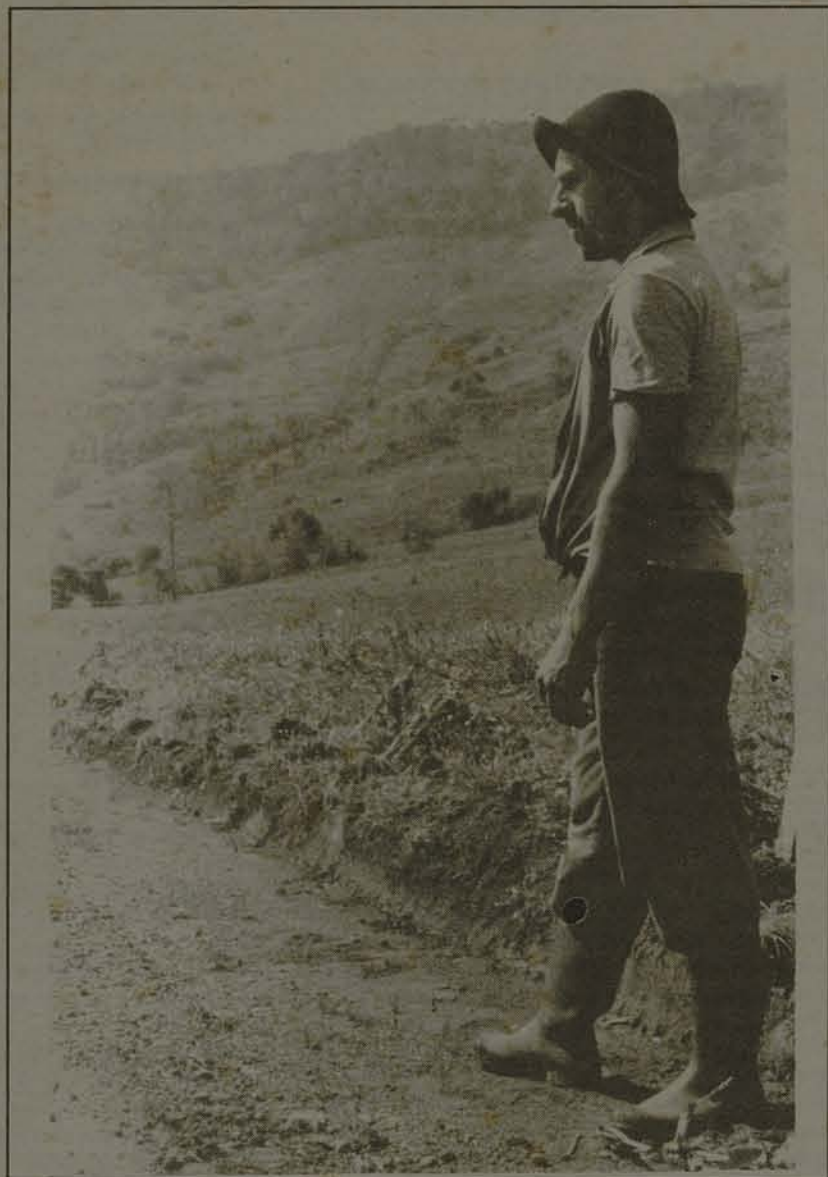


ZERO

Nº 1 - ANO XII - FLORIANÓPOLIS, 3 DE SETEMBRO DE 1994 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC



MISERÁVEIS EM PÉ DE GUERRA

Índios e pequenos agricultores juram que são donos da mesma terra

Na Central

**A IMPRENSA E O
TERRENO DOS AMIN**

Pag. 5

**OS CALOTES DO
GOVERNO KLEINÜBING**

Pag. 6 e 7

Entre o discurso e a realidade

As eleições estão aí. Enquanto na telinha os candidatos fazem a dança do faz-de-conta, a realidade é bem diferente. O casal Aminão explica a transação da compra do terreno e do financiamento bancário e a imprensa catarinense tampouco se importa em comentar o assunto. A ficha de Kleinübing, o primeiro colocado nas pesquisas para o Senado, não é das melhores: dessa vez é o calote nos advogados que prestam defesa dativa para o Estado. Depois da saída de Kleinü-

bing, devendo mais de R\$2 milhões, o vice Konder Reis também não pagou nada desde que assumiu. No caso dos cineastas chega a ser vergonhosa a cara-de-pau com que Kleinübing se oferece para interceder junto ao atual Governo, para liberar recursos que ele prometeu e não pagou. Também nesse caso a imprensa não falou do assunto e os cineastas estão sendo acusados de embolsarem o dinheiro do convênio como Governo.

Na central, o conflito entre índios e colonos em Seara, Oeste de Santa Catarina. Disputando o mesmo pedaço de terra, eles são o retrato da falência do modelo agrário catarinense e brasileiro, e vivem as conseqüências de um passado de desacertos. Os índios querem voltar para o lugar em que seus antepassados viveram há dezenas de anos enquanto os colonos lutam para ficar no mesmo chão em que nasceram e foram criados.

ZERO na Imprensa

Na revista *Imprensa* de julho foi publicado o seguinte comentário na coluna "Perdão, Leitores", de Moacir Japiassu.

Janistraquis descortês - Alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) enviam o seu jornal-laboratório, para apreciação deste Perdão... O jornalzinho é bom, porém Janistraquis implicou com o nome - Zero: "Considerado, Zero pode até nos lembrar aqueles números experimentais antes de a publicação enfrentar as bancas; mas há sempre algum gaiato para dizer que se trata da nota que a menina recebeu em Jornalismo...". Por favor, não deem importância; isso é pura maldade desse auxiliar nem sempre cortês.

Esclarecimentos

Estou escrevendo para elogiar o jornal e registrar minha felicidade ao saber que os futuros profissionais da imprensa são tão bem preparados. O visual do jornal é muito agradável e acaba atraindo o leitor. Acompanho todos os números desde que o jornal passou a ser impresso com mais de uma cor.

Também gostaria de uma explicação quanto a uma nota que li na coluna do Miro. Ele acusa o ZERO de ter forjado uma das fotos em uma matéria na edição de 27 de junho de 1994. Tenho certeza que ele deve estar enganado, mas gostaria de uma explicação.

Mas o fato que me levou a escrever foi a matéria assinada por Alessandro da Silva, cujo tema falava sobre o crescimento da música Gospel em Florianópolis e no Brasil. Achei a matéria muito boa e esclarecedora. Mas há um equívoco do repórter quando ele faz uma comparação entre a venda da banda gospel Atos II e o grupo evangélico vendeu mais do que o Faith no More. Ao tentar mostrar que o grupo evangélico vendeu mais do que o Faith no More que estava estreando no Brasil, o repórter usou um número absurdo para demonstrar as cópias vendidas pela banda de Mike Patton. As oito mil cópias que aparecem na matéria não chegam nem perto do número real, que na época já havia alcançado a marca de 85000 discos vendidos no Brasil.

Carla Patton, Florianópolis

RESPOSTA

Realmente houve um erro nos números durante a digitação da matéria. As 80.000 cópias se transformaram em 8.000.

A explicação sobre a nota do Miro no jornal *O Estado* está na matéria publicada nesta página.

Solicitação

Através do presente, estamos gentilmente solicitando junto a Vossas Senhorias o envio do *Jornal Laboratório* do Curso de Jornalismo da UFSC para nossa entidade de Ensino. O C.E. Prof. Olavo Cecco Rigon conta com 2500 alunos e 130 professores, e este seria de grande valia para estudos pedagógicos.

Certos de termos prontamente atendida a nossa solicitação, antecipadamente agradecemos.

Jaime Estevão Bernardi - Diretor

ERRATA

Em sua última edição ZERO publicou na reportagem das páginas 6 e 7 que José Rocha Coutinho Neto é mestre em Ergonomia. Na verdade José Rocha é médico perito do INSS e coordenador do projeto sobre Comunicação de Acidente de Trabalho.

ZERO - SETEMBRO 94

ZERO

Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina

Arte: Michelson Borges, Zé Dasilva

Colaboração: Prof. Nilson Lage, Prof. Carlos Locatelli, Prof. Waldir Rampinelli, Prof. Ricardo Barreto, Sindicato dos Eletricistas de Florianópolis

Copy-Writer: Prof. Carlos Locatelli, Prof. Luiz Scotto

Diagramação: Alessandro da Silva, Alexandre Winck, Aline Cabral, Ivana Back, Jaime Luccas, Josemar Sehnem, Jussara Campelli, Luciane Lemos, Pablo Claudino, Sérgio Severino, Ulysses Dutra Neto

Edição: Alessandro da Silva, Alexandre Winck, Aline Cabral, Diógenes Fischer, Giancarlo Proença, Giovana Borini, Ivana Back, Jaime Luccas, Josemar Sehnem, Luciane Lemos, Marcelo Santos, Maurício Oliveira, Nelson Corrêa, Pablo Claudino, Paulo de Tarso, Suyanne Rovaris, Maurício Oliveira, Ulysses Dutra Neto

Textos: Alessandra Mathyas, Aline Cabral, Barbara Pettres, Carlito Costa Jr., Elmar Meurer, Flávia Rodrigues, Ivana Back, Jaime Luccas, Josemar Sehnem, Joyce Sabatke, Kiria Matos, Luciane Lemos, Maurício Oliveira, Paulo de Tarso, Sandra Nebelung, Sandra Vieira, Sheyla Deretti, Suyanne Rovaris

Foto: Barbara Pettres, Jaime Luccas, Lúcio Baggio, Paulo de Tarso, Paulo Henrique, Roger Gnecco

Laboratório Fotográfico: Paulo de Tarso

Edição Eletrônica: Giancarlo Proença, Jaime Luccas, Sérgio Severino

Secretaria Gráfica e acobramento: Pablo Claudino

Coordenação: Jaime Luccas

Supervisão: Prof. Carlos Locatelli

Redação: Curso de Jornalismo (CCE-UFSC), Trindade, Florianópolis/SC-CEP 88040-900

Telefones: (0482) 31-9490 e 31-9215

Telex e Fax: (0482) 34-4069

Impressão: Diário Catarinense

Distribuição Gratuita Circulação Dirigida

Mira torta: a questão das palmadas

Na edição de 5 de julho o colunista Miro, colaborador do jornal *O Estado*, publicou a seguinte nota, referindo-se à foto da página 4 do último número do ZERO:

Mau começo

Última edição do jornal "Zero", que serve de laboratório aos estudantes do Curso de Jornalismo da UFSC, traz um exemplo de como não se deve fazer jornalismo, e de total falta de ética de quem editou e deixou editar tal inverdade deliberada. Cartaz que aparece numa foto com dizeres contra uma empresa de comuni-

cação catarinense, durante panfletagem do Sindicato dos Jornalistas no calçadão da Felipe Schmidt, em Florianópolis, foi falsificada, resultou de uma fotomontagem.

Quer dizer: os futuros colegas estão aprendendo até a falsificar fotos na escola. Mereciam umas palmadas.

Dizer que ensinamos nesta Universidade como não se faz jornalismo é, no mínimo, uma grande contradição. Principalmente para este jornal que abriga entre seus funcionários ex e atuais alunos desta instituição (...) *Leviandade, má fé, injúria não são termos suficientes para denominar a atitude do autor da nota na coluna 'Miro'.* Finalmente, senhor editor, estamos abrindo nosso arquivo fotográfico para que o próprio *O Estado* submeta os negativos a uma perícia, para desmanchar esta farsa que foi criada. Esperamos, evidentemente, que os resultados desta análise sejam posteriormente publicados com destaque para que o leitor de *O Estado* saiba onde está a verdade e onde se encontra quem sabe fazer jornalismo".

Informamos também que a equipe de alunos responsável pela edição do ZERO tem total independência editorial. O jornal é feito há 11 anos por estudantes do Curso de Jornalismo, muitos dos quais já trabalharam, trabalham ou trabalharão nos grandes órgãos da imprensa nacional.

O ZERO esclarece aos leitores do jornal *O Estado* que a foto não é uma montagem. Foi tirada durante a manifestação dos jornalistas profissionais que lutavam por melhores salários, realizada na rua Felipe Schmidt, em 26 de maio passado. O negativo está no Curso de Jornalismo, à disposição de qualquer pessoa que queira verificar sua autenticidade. Possivelmente o que ofendeu o colunista não foi o cartaz que aparece na foto, mas o fato de que o cidadão que nela está em primeiro plano é o diretor-editorial do jornal *O Estado*, Mário Pereira.

O chefe do Departamento de Comunicação da UFSC e membro da diretoria do Sindicato dos Jornalistas, Aureo Moraes, entregou ao jornal *O Estado* uma carta - até hoje não publicada - para estabelecer a verdade dos fatos. A seguir, alguns trechos da carta:

"Senhor Diretor-Editorial Ilustríssimo Jornalista Mário Pereira

Muito nos surpreendeu nota publicada na coluna 'Miro', em 5 de julho passado, referindo-se a 'um exemplo de como não se deve fazer jornalismo' (...)

Abaixo, à esquerda, a polêmica foto comentada na Coluna do Miro. Em primeiro plano aparece o Diretor Editorial de *O Estado*. À direita, o presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, Sérgio Murilo, com o cartaz usado na manifestação.



Paulo Henrique/ZERO



Paulo de Tarso/ZERO

Trem da alegria na UFSC

419 professores querem progredir sem concurso

O Departamento de Física da UFSC enviou um documento aos centros da universidade manifestando o seu repúdio à solicitação de 419 professores que querem progredir profissionalmente da categoria de professor adjunto IV para titular, sem passar por um concurso público. O departamento argumenta que esse processo de seleção interna prejudicaria a qualidade de ensino.

O chefe do Departamento de Física, professor Paulo César Tettamangy, disse que o processo de seleção interna é uma questão de "rebocação", de transferência. Trata-se da impossibilidade de ingresso de outras pessoas, sem conhecimentos diferenciados, o que impede a melhoria da qualidade do ensino e o aumento do quadro funcional da universidade.

"Num concurso público, entra o melhor, que pode ou não ser de dentro da instituição", afirma o professor Paulo César. Segundo ele, a progressão interna apenas reclassifica o professor para aumentar o salário e proporcionar-lhe um título, não considerando os interesses acadêmicos da universidade. Alguns professores titulares, como o professor Nilson Lage do Departamento de Comunicação, são contra a progressão. "É um processo ótimo de resolver os problemas

das pessoas e prejudicar a instituição". Ele entrou na UFSC através de concurso público em abril de 1992.

Para estudar o abaixo-assinado dos 419 professores, o reitor Diomário de Queiroz instituiu uma comissão que avalia a possibilidade legal de seleção interna. Os oito professores que fazem parte da comissão enviaram as minutas com as propostas para todas as chefias de departamento, solicitando críticas e sugestões.

O sub-chefe do Departamento de Física, professor Paulo Rodrigues Machado, é um dos membros da comissão e afirma que a proposta não implica em perdas para a UFSC. Pelo contrário. Para um professor progredir funcionalmente até chegar ao último nível, que é o de titular, ele passa antes pelos níveis auxiliar, assistente e adjunto. Isso leva 24 anos, até ao nível de adjunto IV, se o professor não fizer mestrado ou doutorado. Nesse tempo, o professor tem que mostrar a sua produção científica, de pesquisa, ensino e extensão, além de apresentar monografias.

Pela nova proposta, o critério para seleção do professor titular será mais rígido. A banca examinadora deve compor-se de cinco membros, sendo três de outras instituições. Além disso, estão fora os professores que exercem funções administrativas. "O que se quer é que o professor mostre o que ele fez ao longo de sua carreira acadêmica e isso vai contribuir e muito para a qualidade do ensino na UFSC", falou Paulo Machado.

A Constituição de 1967 previa que, cada vez que um professor qui-

sesse elevar o seu nível funcional, era preciso prestar concurso público. A partir de 88, com a nova constituição, o candidato faz concurso uma única vez. Depois ele eleva o nível através de progressão até chegar a Adjunto IV. Para a categoria de titular, é necessário prestar concurso público novamente. Essa regra está no Decreto 94.664 de 23 de julho de 1987, capítulo VI, art. 16: "a progressão nas carreiras de magistério poderá ocorrer exclusivamente por titulação e desempenho acadêmico, nos termos das normas regulamentares a serem expedidas pelo Ministério de Estado da Educação: (...) II - de uma para outra classe, exceto para Professor Titular". A decisão também está na Lei 8112 de 11 de dezembro de 1990 e no Estatuto Geral e Regimento Interno da UFSC, aprovado pelo Conselho Universitário em 7 de maio de 1991.

A primeira universidade que começou a seleção interna foi a Federal de Santa Maria. Depois de uma consulta à Procuradoria Geral, a UFSM instituiu normas para que a decisão fosse seguida. Foram feitas algumas avaliações e alguns professores conseguiram pontos suficientes para serem elevados a titular. Foi demonstrado ao Tribunal de Contas da União que o processo feito era legal. O Tribunal de Contas, usando de sua autoridade de fiscalizador da União, aceitou a progressão funcional de adjunto IV para titular na UFSM.

O presidente da comissão e professor do Departamento de Direito, Nicolau Pitsica, fez uma análise fundamentada na constituição e nas leis

sobre o assunto. Ele entendeu que a progressão é legal e que não existe nenhum impedimento jurídico para que a proposta não seja instituída. Já o professor Francisco Antonio Pereira Filho, do Departamento de Expressão Gráfica, CCE, é contra a proposta. Segundo ele é necessário separar bem as duas coisas: o nível salarial e a titulação. Para ele o professor titular é alguém que representa a instituição, "é uma espécie de paradigma do conhecimento na Universidade e por isso não pode ser dado automaticamente a qualquer pessoa". Francisco, que é professor assistente acha que aqueles que dedicaram toda a vida à Universidade e por qualquer motivo não puderam continuar os estudos "podem e devem ter melhores salários". "O que não podemos é misturar as questões salariais com a titulação de doutor".

Alguns departamentos da UFSC estão se manifestando em relação à minuta enviada pela comissão. O de Matemática, por exemplo, já deu algumas sugestões para complementação do documento. "Mas os professores ainda estão divididos e o Departamento ainda não tem uma decisão formada", disse a chefe do Departamento, professora Márcia Rampinelli. Depois de avaliadas as críticas e sugestões, o documento será apreciado pelo CEPE, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Se for aprovado, passará a ser a norma da UFSC. "Isso pode demorar um bom tempo", afirmou o professor Paulo Machado.

Alessandra Mathyas



UFSC adota monumento rejeitado

Dois formas surgiram repentinamente da terra durante as férias em frente ao Bar do Básico - um dos pontos mais movimentados da UFSC. "Parece um casal romântico de dinossauros", disse Marcelo Corrêa da Silva, estudante de Economia. "Fiquei sabendo que é a ligação entre os países. Tem a ver com o Chile, né?", completa Marcos Guido Cenci do Curso de Engenharia Elétrica.

No fundo os dois estudantes têm um pouco de razão. "As duas figuras podem ser dois homens, dois animais, dois oceanos, dois povos", diz o chileno Lautaro Labbé, escultor e coordenador da obra. A construção da estátua "Um Abraço Andino-americano" foi um dos eventos do Festival de Arte e Cultura sem Fronteiras, realizado em Florianópolis de 8 a 17 de julho. Organizado por grupos da sociedade civil, reuniu representantes do Chile, Brasil, Uruguai e Argentina.

O festival foi pouco divulgado porque aconteceu durante as férias, sem o apoio de instituições governamentais e com escassez de recursos. "Não tínhamos nem um tostão para a divulgação e não havia dinheiro nem sequer para

fazer o programa", disse Áurea Oliveira Silva, professora e co-organizadora do Festival de Arte e Cultura sem Fronteiras. Áurea afirma ainda que procurou, entre outras instituições, a UFSC para apoiá-los inicialmente, mas quase ninguém acreditava no evento.

Já o Reitor Diomário Queiroz disse que a UFSC foi excluída no início do festival. "Quando entramos o processo estava desgastado, mas salvamos algumas coisas boas, entre elas essa escultura". Inicialmente a escultura foi projetada para uma praça pública da cidade, mas acabou vindo para a universidade. "Eu estava em casa no sábado à noite, quando recebi um telefonema do IPUF (Instituto de Planejamento Urbano da cidade). Disseram que não tinham nenhum local reservado para a construção da escultura, então autorizei sua construção aqui", comentou o Reitor.

Para fazer a escultura Lautaro Labbé, e mais 35 estudantes da Universidade de Concepcion-Chile utilizaram uma técnica já usada em seu país. Ela consiste em cavar as formas na terra, preencher com concreto e ferro e depois erguê-

la com guindaste. "É um método fácil, rápido e econômico", disse Labbé.

A mesma técnica foi usada em Concepción, numa escultura em homenagem a estudantes mortos na Universidade, vítimas da repressão durante a ditadura de Pinochet (73/89). Já a escultura daqui suscita várias interpretações, uma delas é a ideia de um país-continente, através da integração dos povos andino-americano. E essa unidade é o principal objetivo de Lautaro Labbé.

Os estudantes arrecadaram dinheiro por quatro meses para vir ao Brasil na expectativa de um grande festival cultural. "Esperávamos algo muito maior", comenta decepcionada Pilar Navarro, estudante de artes plásticas da Universidade de Concepción. "Aqui foi tudo muito caótico, ninguém sabia se ia ou não sair a escultura, acrescenta Cristian Soto, estudante chileno de arquitetura. Os dois participaram da construção coletiva do "Abraço Andino-americano" e apesar dos contratempos sentiram-se satisfeitos por ajudarem a promover o intercâmbio cultural entre os países.

E vem mais estátua por aí. A UFSC está promovendo um concurso para a



Barbara Petres/ZERO

A controversa obra

construção de um monumento, por US\$ 5 mil, que represente os 500 anos de descobrimento da América. "O espaço do Campus está aberto a qualquer manifestação artístico-cultural", disse o Reitor.

Para o artista plástico Saulo Pereira uma escultura não tem que ser bonita. "Só que realmente a obra 'Um Abraço Andino-americano' poderia ser esteticamente melhor resolvida, mas ela é significativa". É arte, entendeu?

Sandra Vielra
Barbara Petres

Unidade cultural na diversidade

"Nós não somos nem latino-americanos, nem hispano-americanos, nem lusitanos, nem indígenas. Somos andino-americanos", explica Lautaro Labbé. A expressão "andino-americano" vem do elemento geológico que estrutura todo o continente americano, desde o Alasca até o Cabo Horn; a Cordilheira dos Andes, a espinha dorsal da América. "Este é um elemento que nos une a todos, sem parcelar e dividir raças. Não devemos seguir com a alienação cultural de repetir que somos latino-americanos. Devemos recuperar nossas raízes próprias, com a criação de um projeto comum. Um país-continente, uma federação andino-americana, com cultura própria, sem fronteiras. Esse é o sonho de Bolívar". Para Lautaro um gesto de autonomia política seria nos autodenominar, não admitir rótulos impostos pelos dominadores. "Como andino-americanos, não buscamos a uniformidade da gente, buscamos a diversidade da gente".

Os pós-jornalistas

Uma grande Universidade, nomes de prestígio e um projeto equivocado

Nilson Lage

A Universidade Estadual de Campinas propõe-se a formar, a partir do ano que vem, jornalistas em cursos de pós-graduação com duração de um ano. O projeto vem sendo implementado pelo Professor José Marques de Melo e pelo jornalista Alberto Dines.

Marques de Melo, provavelmente o brasileiro mais conhecido internacionalmente em estudos de comunicação: tem dezenas de livros publicados e participa, há muitos anos, da maioria dos eventos latino-americanos da área. Dines dirigiu várias redações e ficou mais conhecido por sua atuação como editor do *Jornal do Brasil* na época brava do regime militar quando, por exemplo, saudou o Ato Institucional nº 5 com uma sombria previsão do tempo que escapou à vigilância da censura; autor de uma obra de vida longa - *O papel do jornal* -, tem ultimamente trabalhado em Portugal, como editor de jornais e ensaísta.

As motivações dos dois são transparentes. Marques de Melo afastou-se da Escola de Comunicação e Artes da USP, de que foi diretor recentemente, e Campinas é, por assim dizer, a escolha previsível. Quanto a Dines, a configurar-se seu retorno ao país, qualquer universidade brasileira ganharia muito ao tê-lo no quadro docente, tanto pelo que ele fez quanto pelo que sabe; é o passo natural de quem chegou onde ele está em termos de vivência e reflexão.

Nada disso deve impedir, porém, que se discuta em profundidade o projeto dos dois, encampado pela Unicamp. De início, há três objeções a fazer quando se pensa em aproveitar profissionais de outras áreas como jornalistas, sob a alegação de que as coberturas são hoje especializadas por assunto - tese, por exemplo, da retórica institucional na Folha de São Paulo.

A primeira é que o enfoque da matéria jornalística, por seletivo que seja o público, é sempre não especializado. As questões que interessam aos especialistas, as minúcias em torno das quais travam debates apaixonados são, em geral, irrelevantes para os consumidores de informação jornalística. Uma redação de especialistas tenderá a se deter nesses pontos, a utilizar mais expressões técnicas do que o indispensável, a procurar uma precisão de conceitos que não faz o menor sentido para os não iniciados que ligam a tv, o rádio ou compram o impresso na banca.

A segunda objeção é de natureza ética. Médicos, advogados, militares, diplomatas têm acesso a informações reservadas, tais como históricos clínicos, processos de família, dados estratégicos; são também obrigados, por seus códigos profissionais, a restringir as críticas públicas a colegas ou instituições dessas áreas, formulando-as, antes, em foros corporativos. A opção pelo jornalismo representaria, assim, não apenas o abandono do ofício anterior, mas também a adoção de novos valores e atitudes.

A terceira restrição refere-se ao custo. A formação de especialistas competentes, cada vez mais demandada e cara. Por exemplo: sabe-se que a preparação de um físico teórico, capaz de lidar com a ciência de ponta nesse campo, consome, atualmente, 25 anos. É razoável deslocar um homem desses para nova profis-

são, depois do investimento de uma vida? Quem ganharia com isso?

A experiência internacional em pós-graduar jornalistas não é extensa, em alguns países, nem animadora. Nos Estados Unidos, existe o tradicional curso da Universidade de Colúmbia, mais procurado por executivos da indústria de informação do que por aspirantes... profissão. Na Europa, pelo contrário, em particular na Itália e na Alemanha, cursos similares proliferaram e assumiram feição teórica interessante, como reflexão sociológica ou filosófica crítica sobre os sistemas de informação pública (pode-se até comparar seu conteúdo, em alguns casos, com o de nossos mestrados e doutorados), mas contribuem pouco, na prática, para o aperfeiçoamento do jornalismo. A incapacidade de formular discursos próprios convincentes em episódios como a guerra do Golfo Pérsico e os conflitos da Bósnia, e de levá-los ao grande público, é hoje um grave problema. Documentos recentes da Comunidade Europeia têm relacionado isso com a formação dos jornalistas e outros profissionais de comunicação social - tema que preocupa bastante algumas das principais empresas do setor no Continente.

A formação pós-graduada tem perfil acadêmico, no qual não se enquadra o treinamento básico de profissionais; não existem precedentes de cursos de pós-graduação profissionalizantes, seja no sistema de ensino, seja na legislação brasileira que trata de ofícios regulamentados. Nas áreas técnicas, a pós-graduação lato sensu, como é o caso da proposta de Campinas, destina-se efetivamente a aperfeiçoar ou especializar o profissional em sub-campo de sua formação graduada, ou adestrá-lo em alguma técnica instrumental. Nas ciên-

cias humanas, que não se definem tão precisamente, podem ampliar o universo da formação básica, mas não se pretende que a substitua.

Alguém argumentaria que tudo isso não tem maior importância, porque a indústria jornalística - salvo, talvez, poucos cargos em raras empresas do eixo Rio-São Paulo - não pode pretender nível de especialização compatível com essa sofisticação toda nem paga salários que a justifiquem. No entanto, o jornalismo é atraente menos pelo que a profissão é e mais pela aura que a envolve, pela sugestão de poder e de aventura decorrente da proximidade entre repórteres e políticos, empresários, astros do esporte e dos espetáculos. Supõe-se que os jornalistas se beneficiam de alguma forma com esses con-

tatos; a mitologia generaliza a crença que estão sempre viajando, têm vida pouco rotineira e preciosas oportunidades de aparecer no vídeo e nas páginas dos veículos.

Não há dúvida de que tudo isso, e mais a possibilidade de reconhecimento legal dessa segunda habilitação profissional obtida em prazo curto (coisa que o Marques e Dines têm por certa, não se sabe exatamente apoiados em quê), dariam a cursos como esse de Campinas notável fascínio para recém-formados e excedentes de grande número de carreiras.

E aí mora o perigo. Somos um país em que a maior parte das instituições de ensino superior pertencem a comerciantes sem escrúpulos: são dezenas (centenas?) de universidades sem a menor qualificação e milhares de cursos ministrados com alto grau de insuficiência. A pós-graduação lato sensu é exatamente a área menos fiscalizada do ensino superior, que, no geral, já pouco se

fiscaliza. Nada impede, nesse quadro, que a iniciativa da Unicamp se reproduza como farsa pelo país afora, atraindo professores que não conseguem sequer um emprego miserável no ensino público, bacharéis em Direito rejeitados no concurso da Ordem, pobres diabos já enganados pelo conto do diploma aplicado por essas máquinas de fazer dinheiro.

As exigências laboratoriais e técnicas do atual currículo mínimo de Jornalismo foram uma conquista da categoria profissional e da indústria; têm servido tanto para permitir a existência de alguns cursos bons quanto para limitar um pouco a expansão desordenada do ensino de má qualidade em nossa área. Formam a plataforma em que se apoia a política de formação profissional por via universitária.

São tantos os riscos, tão improváveis os possíveis benefícios, que me permito pensar: Por que, afinal, o Marques de Melo e o Dines não transformam seu *Labor* de Campinas em centro de pesquisa e pós-graduação capaz de atender à demanda do segmento de ponta da indústria por pessoal mais qualificado na seleção, operação e criação de novas tecnologias, no gerenciamento de recursos e de mercado, em estratégias políticas da informação e coisas assim? Por que não ousam avançar além do que se consegue em nosso meio acadêmico tão mediocre quanto presunçoso, em lugar de reproduzir na pós-graduação disciplinas técnicas básicas? Não seria mais adequado e mais nobre para pessoas com currículos tão respeitáveis? Ou fará sentido colocar uma grande universidade a serviço de uma manobra que pode contribuir para a desregulamentação neoliberal de nosso ofício, num esforço que nem sequer responde ao pensamento prioritário ou predominante do empresariado, neste momento?

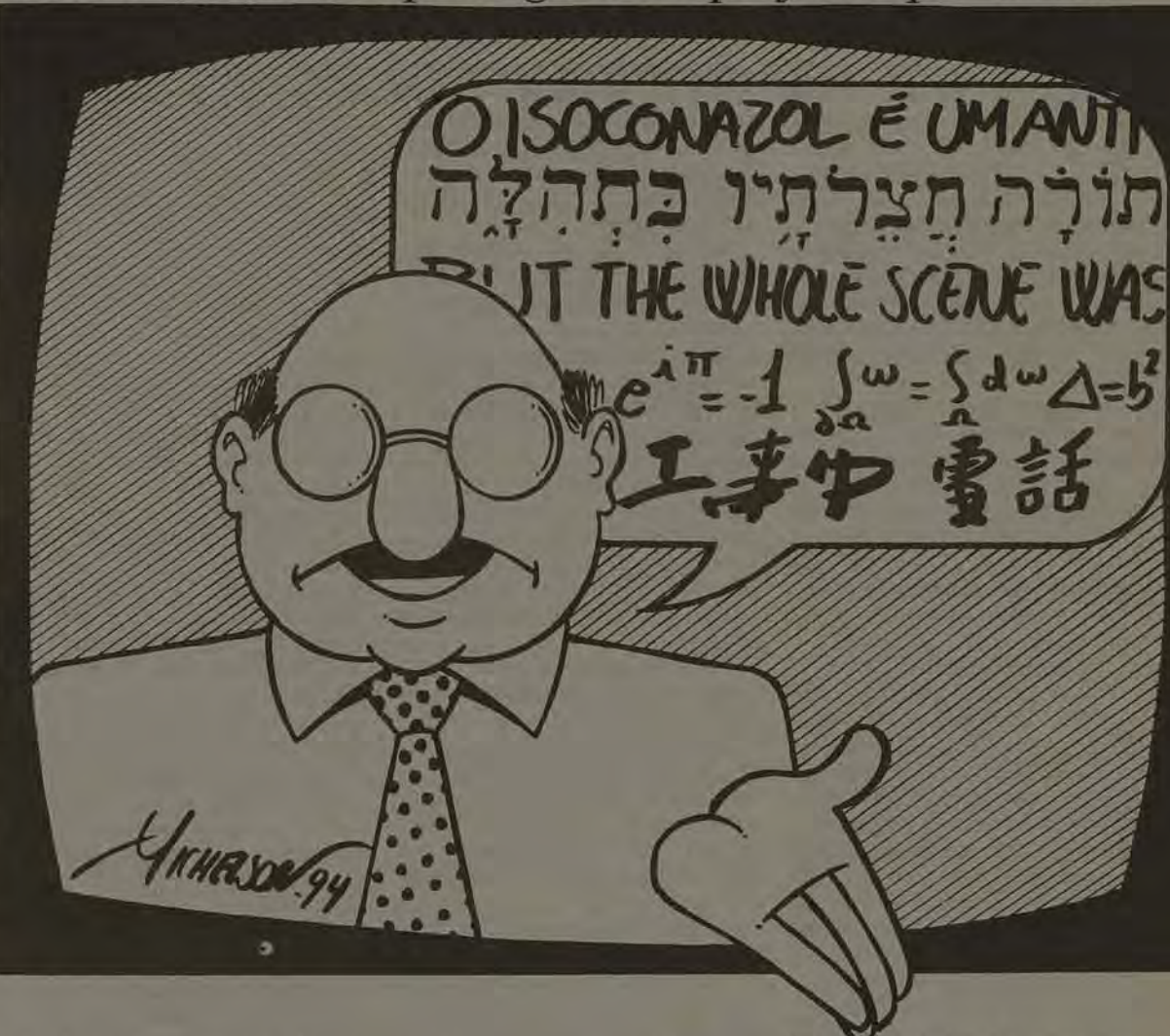
Nilson Lage é Professor titular do Curso de Jornalismo da UFSC.

ZERO - SETEMBRO 94

Unicamp rasga o diploma e quer formar jornalistas em um ano

Jornalismo recupera Memória

O Projeto Memória do Jornalismo, do Departamento de Comunicação da UFSC, traz a Florianópolis, no próximo dia 14, o jornalista Luiz Amaral. A partir das 9h30min, na sala 214 do Centro de Comunicação e Expressão, Amaral falará sobre ensino de jornalismo nos EUA, o jornalismo americano e o desenvolvimento tecnológico, além de seu trabalho no Brasil e Estados Unidos. A trajetória de Luiz Amaral incluiu o trabalho em *O Jornal*, dos Diários Associados, no RS, na *Rádio Suíça Internacional*, em Berna e na *Voz da América*, em Washington, onde está até hoje. Luiz Amaral aproveita a palestra para lançar o livro *Esses repórteres*, último trabalho do jornalista que já havia escrito *Jornalismo - Matéria de 1ª Página e Técnica de Jornal e Periódico*.



"O jornalismo atrai pela sensação de poder e aventura"

Negociatas em família...

Imprensa catarinense faz questão de não investigar denúncias no caso do terreno do casal Amin

No início de agosto o jornalista Jeffrey Hoff denunciou através do colunista Janio de Freitas, da *Folha de S. Paulo*, a supervalorização de um terreno comprado pelo candidato à Presidência da República pelo PPR, Esperidião Amin, em 1979, e repassado uma semana depois a sua futura esposa - e atual candidata ao governo do estado - Ângela Heinzen por um valor 12 vezes maior. O fato, corriqueiro em negócios imobiliários, nada teria de anormal se os dois não fossem figuras públicas, e se no dia da compra Ângela não tivesse contraído um empréstimo junto à Caixa Econômica Estadual para financiar o negócio e a construção de uma casa própria.

O caso foi levantado pelo repórter do *New York Times*, radicado há três anos e meio em Florianópolis, com base nos documentos do 2º Ofício do Registro de Imóveis de Florianópolis. As principais irregularidades apontadas por ele foram: 1) a supervalorização do terreno de Amin no Parque São Jorge, com a finalidade de conseguir um financiamento maior num banco oficial para pagar uma dívida pessoal; 2) Amin teria usado sua influência política como deputado federal para obter esse empréstimo; 3) o imóvel, que pelo contrato deveria ser construído, não existe; 4) O terreno de Ângela teria sido vendido a Antonio Carlos Battaglia, em junho de 86, por 10% do seu valor, confirmando a tese da supervalorização.

A notícia foi manchete de capa na *Folha de S. Paulo* e saiu nas páginas de *O Globo* e do *Jornal do Brasil*, mas não obteve o mesmo

tratamento na imprensa local. O jornal *O Estado* publicou durante dois dias a denúncia, ouviu as fontes envolvidas e deu oportunidade para que Esperidião e Ângela Amin justificassem o negócio. Depois recusou. De acordo com Jeff, após ter recebido a visita do advogado de Esperidião Amin e de Roberto Costa, dono da agência de propaganda Propague, o jornal encerrou a cobertura do fato com um editorial que criticava a onda de denúncias no país.

Os demais jornais se limitaram a apresentar as explicações do casal Amin, sem se preocupar em contextualizar o fato e checar as informações. O *Diário Catarinense* publicou nos dias 3 e 4 de agosto, respectivamente, as seguintes manchetes na parte inferior da página: "Ângela reage à denúncia" e "Ângela responde a acusações".

E os colunistas preferiram insinuar que Jeff era um "especulador político", "um mochileiro novaiorquino", um "refúgio do jornalismo americano" e um deles até sugeriu que o jornalista "se mancasse".

Segundo Jeff os documentos descobertos foram resultado de uma investigação iniciada no período da campanha à prefeitura de Florianópolis, em 1993. "É um hábito comum para jornalistas americanos em véspera de eleições. Infelizmente, não é em Santa Catarina". Jeffrey Hoff concedeu uma entrevista exclusiva ao **ZERO**.

ZERO- Como e por que você começou a investigação?

JEFF- É um processo simples e óbvio para qualquer repórter. Eu estava atrás de outras informações

no cartório e acabei encontrando isso. Isso faz parte de uma investigação muito maior, de vários candidatos, não só do Amin.

ZERO- Porque você recorreu primeiro à *Folha de S. Paulo* e não à imprensa local?

JEFF- Desde que cheguei aqui mandei matérias para os jornais locais e eles não publicaram. Mandei os documentos para o jornalista Janio de Freitas, da *Folha de S. Paulo*, porque eu sabia que os jornais locais jamais iam publicar. O documento tem 15 anos e nenhum repórter ou nunca encontrou ou nunca usou. Por isso mandei para um repórter que achava bem mais confiável, que tem respaldo e respeito em todo o país. Janio de Freitas é membro do conselho editorial da *Folha*.

ZERO- A imprensa tratou suas informações como resultado de uma investigação jornalística ou como especulação política?

JEFF- Jânio de Freitas, como repórter de confiança, tratou isso como uma investigação jornalística. Já os jornais catarinenses consideraram que o meu trabalho era só para prejudicar Esperidião e Ângela Amin. Tanto é que no dia 4 de agosto, o jornal *A Notícia* colocou na capa "Ângela Amin vai processar Jeffrey Hoff". No dia seguinte, Moacir Pereira publicou na coluna dele "Amin: alvo do PT e PFL". Achei muito engraçado que um colunista político importante e inteligente no estado, não pudesse aceitar que essa denúncia vinha do processo do jornalismo, e não tinha nada a ver com qualquer partido político. Depois a gente viu que tanto o PT quanto o PFL tentaram utilizar as denúncias. Mas o processo jornalístico é independente, completamente independente dos partidos.

ZERO- Como foi a repercussão na imprensa catarinense?

JEFF- O *Diário Catarinense* colocou a matéria na parte inferior das páginas 9 e 15, sem crédito do repórter, sem foto, sem destaque. E mesmo assim a primeira reportagem do jornal sobre o assunto tinha o título: "Ângela reage a acusações". Aqui em Santa Catarina o jornal *O Estado* foi o único que publicou os documentos. Mas dois dias depois os editores do jornal recuaram em um editorial com o título "O furacão denunciasta", criticando as últimas denúncias publicadas pela imprensa do país. Mas reportagem investigativa não é questão de denúncia, é questão de mostrar para o público, para os cidadãos, para os eleitores, o trabalho, a vida dos políticos. O povo tem todo o direito de saber tudo sobre qualquer político. Uma pessoa que era governador, que quer ser presidente, que quer ser governador. Eles têm poucos segredos na vida. Na vida pessoal sim, mas nos negócios e no trabalho deles, na política, são públicos. Isso não é denúncia de jornal, é um jornal publicando informação sobre um candidato. E o candidato teve a oportunidade de responder. Um político tem que ser aberto a qualquer crítica.

ZERO- Em algum momento os colunistas que citaram o caso pro-

Blá-blá-blá

Reproduzimos aqui alguns comentários dos colunistas catarinenses em relação à polémica sobre o caso do terreno.

Tiro pela Culatra

Essa vergonhosa exploração política da venda de um terreno pelo casal Esperidião Amin, denúncia de um mochileiro novaiorquino já devidamente esclarecida a quem de direito, ou seja, ao jornalista Jânio de Freitas, tem tudo para ajudar ainda mais a candidatura da deputada Ângela Amin, cada vez mais isolada na liderança.

Mais uma vez se verá um tiro sair pela culatra. Nossos políticos precisam amadurecer, mesmo aqueles que já estão sem chances em 3 de outubro. Não basta só ganhar. O importante nesse processo é dignidade na participação. (Cacau Menezes, no *Diário Catarinense* 10/08/94)

Consulta

Antes de lançar esse belo projeto de uma avenida à beira-mar, ligando-a Joaquina ao Morro das Pedras, no Sul da Ilha, recomenda-se ao prefeito Sérgio Grandó que faça uma consulta particular ao jornalista Jeffrey Hoff, conhecidíssimo pela imprensa do seu país, o mesmo que liderou um bem sucedido movimento na Barra da Lagoa contra a construção de uma marina e que acaba de ganhar seus 15 minutos de fama nacional ao "denunciar" o casal Esperidião Amin de superfaturar um terreno na Ilha.

Se o menino o aprovar, tudo bem. Se ele vetar, é bom a prefeitura engavetar de vez o projeto. (Cacau Menezes, no *DC*, 11/08/94)

Ajuda

Quanto mais adversários tentaram explorar o caso do empréstimo bancário do casal Esperidião Amin para a compra de terrenos, mais a candidata Ângela crescerá nas pesquisas.

Simplemente por uma única razão. Querem criar escândalo onde ele não existe. (Cacau Menezes, no *DC*, 21/08/94)

O furacão denunciasta

"... sequer vale perder mais tempo com isso, principalmente quando a 'denúncia' parte de um diletante 'freelancer' estrangeiro, e quando as intenções são tão evidentes".

(Editorial do jornal *O Estado*, 04/08/94)

Pent..

Pelas encrências que promoveu e promove na Ilha nestes três anos e meio de conturbada convivência, tudo indica que o jornalista americano Jeffrey Hoff, que impediu marinas, e faz denúncias políticas com o único objetivo de perturbar, deve ser no mínimo um "refúgio" do jornalismo americano.

Aquele do tipo que não serviu para nada lá e veio botar banca aqui. Te manca, meu filho... (Miro, jornal *O Estado*, 04/08/94)



Jeffrey diz que imprensa de SC não investiga

SETEMBRO 94 - ZERO

Faltou com a verdade

No programa eleitoral do dia 26 de agosto, Ângela Amin disse que Janio de Freitas teria telefonado para pedir desculpas pelos transtornos causados pela matéria da *Folha de S. Paulo*. Dois dias depois, Janio desmentiu na sua coluna que tivesse conversado com a candidata do PPR ao governo de Santa Catarina.

Luclane Lemos
Shella Deretti

O negador de promessas

Kleinübing assina convênio com cineastas e sai do governo sem liberar verbas

Depois de 19 meses com o projeto para a criação de um Núcleo de Cinema e Vídeo aprovado, mas na gaveta, o ex-governador Wilson Kleinübing saiu do governo, em abril de 94, sem pagar o dinheiro prometido. Com um convênio de 490 mil dólares assinado com a UFSC e a Cinemateca Catarinense, o agora candidato ao Senado, ganhou destaque nas mídias estadual e nacional. Ele chegou até a ser homenageado com uma placa no 21º Festival de Gramado, em 93, como responsável pela retomada e valorização do Cinema Nacional. Só que as glórias vieram antes dos feitos e todo o apoio tão elogiado nunca chegou a existir.

A princípio tudo parecia perfeito. Em novembro de 92 Kleinübing procurou os realizadores de cinema do estado para uma reunião no Palácio da Agrônômica. Ele então se declarou um cinéfilo. Disse que seu grande sonho era trabalhar com a sétima arte e se confessou um "cineasta frustrado". Para compensar essa frustração manifestou espontaneamente a intenção de incentivar a produção e pesquisa na área durante seu governo.

No rastro do sucesso do lançamento do filme *Desterro*, premiado no Festival de Gramado daquele ano, encomendou a Cinemateca um projeto para desenvolver o setor no Estado. O orçamento foi aprovado e previa a liberação de 490 mil dólares, que o então governador chamou

de "razoável". Para isso foi preciso firmar um convênio com a UFSC, a quem caberia a sede e administração do Núcleo. A Cinemateca executaria o projeto nas áreas de pesquisa, produção, formação profissional e infraestrutura de equipamentos.

Os atrasos começaram na hora de assinar o convênio. Cinco meses depois do projeto aprovado, em junho de 93, é que tudo foi finalmente oficializado. O Ministro da Educação Murílio Hingel veio a Santa Catarina entregar uma verba para reformas na Biblioteca Universitária. Na presença dele e de toda a Imprensa do Estado, Kleinübing aproveitou para assinar o documento onde se comprometia a doar os US\$ 490 mil.

Marketing da promessa - Bastou uma assinatura para que ele começasse a ser exaltado. Numa época em que o cinema mal

existia, um político que entregasse essa verba ao setor ganharia, sem dúvida, grande destaque não só em sua região como em todo o país. No 21º Festival de Gramado foi inaugurada uma placa comemorativa com os nomes dos quatro governadores que se empenharam no incentivo à produção em seus estados. Foram homenageados os governadores de São Paulo, Espírito Santo, Brasília e o de Santa Catarina.

Mas com essa honra os cineastas não se conformam. O Presidente da Cinemateca, Zeca Pires, tentando divulgar a

inadimplência do governo, solicitou à Comissão do Festival de Gramado que o nome de Kleinübing fosse retirado da placa, que está no Palácio dos Festivais. Pediu também o esclarecimento à comunidade cinematográfica sobre as verbas que não vieram. "Tem gente que acha que nós ficamos com o dinheiro, só que ele nem chegou", explica. Seu pedido foi negado pelo presiden-

te agora facilita o trabalho dos cineastas, que costumavam alugar esse material em outros estados.

Devo e não nego - Todos os outros pontos do projeto ficaram só no papel. O lançamento de um edital que escolheria cinco curta-metragens para formar um longa, contando histórias catarinenses, foi o mais esperado. Contando com esses recursos para financiar as filmagens, muitos cineastas escreveram roteiros e levantaram custos para inscrevê-los no edital.

Esses trabalhos, todos prontos, aguardam que Antônio Carlos Konder Reis honre o compromisso. Mas o sucessor de Kleinübing diz que nada tem a ver com isso e não quer nem falar com os diretores da cinemateca. Ele afirma que este convênio é de outro governo, apesar de fazer parte do mesmo mandato.

Wilson Kleinübing, por sua vez, reconhece a razão da revolta dos realizadores de cinema do estado. Ele atribui todos esses problemas à burocracia existente e à má-vontade de pessoas que não queriam ver o projeto concluído, mas não identifica quem são. Alega que sempre houve muitos problemas com a liberação dessa verba, o que lamenta, já que, como cinéfilo, ajudar a produção da arte no Estado era um desejo pessoal seu.

Apesar de não ter conseguido contribuir para o desenvolvimento cinematográfico no seu governo, Kleinübing continua sensibilizado com a causa. Disse que está disposto a juntar-se à categoria e tentar lutar pela liberação da verba que prometeu. Propõe-se, agora, a ir ao Palácio, junto com a diretoria da Cinemateca falar com seu ex-vice e sucessor, Konder Reis. "Ele é meu amigo e eu estou pronto pra dar uma força".



ZERO - SETEMBRO 94

Texto:
Suyanne Rovaris





Campeões em calote

O passado condena

Ex-governador deixa cargo devendo R\$ 2 milhões a advogados

Nos últimos três anos, cerca de mil advogados deixaram de receber os vencimentos relativos à defensoria dativa do Estado. Ou seja, relativos ao trabalho como defensores públicos indicados pelo Governo de Santa Catarina para assistir judicialmente a quem não tem condições financeiras de contratar um advogado.

A dívida já chegou a R\$ 2,9 milhões, resultante de mais de 22 mil processos que deixaram de ser pagos pelos governadores Wilson Kleinübing e seu sucessor, Antônio Carlos Konder Reis. Quando Kleinübing passou o cargo a Konder Reis, havia cerca de 16 mil processos não pagos e uma dívida que beirava R\$ 2,2 milhões.

Ao assumir o governo, Konder Reis, que é formado em Direito, foi pressionado pelos colegas da OAB/SC a saldar a dívida. Junto com o Secretário de Justiça e Administração, Luiz Carlos

Carvalho, prometeu pagar em três parcelas, a partir de agosto, o montante correspondente a todos os processos devidos até março deste ano. Mas, depois dessa promessa, o assunto parece ter sido esquecido pelo governador.

Banco dos Réus - Se mantiver o calote de Kleinübing, Konder Reis deixará ao sucessor uma dívida estimada em R\$ 3,7 milhões, relativa a aproximadamente 29 mil processos. Para se ter uma idéia da grandeza dessa valor, basta dizer que seria suficiente para construir 1.900 casas de trinta metros quadrados, com dois quartos, banheiro, sala, cozinha e acabamento completo.

Ao dar o calote nos advogados, Kleinübing se escorou numa falha da legislação sobre defensoria dativa, determinada pela Lei Estadual número 5387/77, que estipula os valores e a forma de pagamento, mas não define os prazos para que ele ocorra. Se a lei

não for corrigida, Konder Reis poderá se aproveitar do mesmo argumento para transferir a dívida ao seu sucessor, num problema que se agrava ainda mais por não haver dotação orçamentária destinada a esse fim.

Para os advogados, a defensoria dativa representa uma renda extra,

já que não exige vínculo exclusivo com o Estado. A maioria deles não tem se preocupado em cobrar a dívida, porque sabem que os valores estão sendo corrigidos e mais cedo ou mais tarde serão pagos, nem que seja na Justiça.

Maurício Oliveira

A evolução da dívida

ano	processos não-pagos	% do total de processos do ano	dívida do governo (em R\$)
1992	402	4,4%	59.995,74
1993	12.596	74,2%	1.635.569,17
1994 (até 20/08)	9.218	100,0%	1.207.264,01
TOTAL	22.216		2.902.828,92

Em outubro do ano passado, Zero denunciou outro calote de Kleinübing. Ele prometeu pagar a conta da luz de 190 emissoras de rádio do estado, em troca da veiculação do programa "Bom dia, Governador". Oito meses se passaram e as rádios ainda não haviam recebido nenhum pagamento, numa dívida que chegava a US\$ 400 mil. Algumas semanas após a denúncia, as rádios receberam o pagamento - sem correção monetária, o que correspondeu a apenas 10% do valor devido. Resultado: nunca se ouviu o "Bom dia, Governador".

Eleitores do Rio Vermelho não querem votar

No começo do século, cada candidato do distrito de Rio Vermelho, um vale na região da Lagoa da Conceição, matava um boi e oferecia um almoço para os eleitores que votavam abertamente. Se a polícia aparecesse para estragar a festa, todos se atiravam na lagoa e fugiam a nado. Hoje, faltando um mês para as eleições gerais, o voto é secreto, um boi não é suficiente para alimentar todos os eleitores e a antipatia pela política é grande. Na região onde praticamente cada casa tem uma parabólica para captar do satélite os sinais que não trespassam as montanhas, política não entra no cardápio da população.

"Não gosto de política, não gosto de políticos e só vou votar porque tenho o dever de cidadã,

mas ainda não decidi em qual dos três vou votar", diz dona Diva, proprietária de um bar no sul do povoado. Os três são Fernando Henrique Cardoso, Lula e Amin. Diva sequer conhece os candidatos a governador. A mágoa surgiu com a construção do Parque Florestal do Rio Vermelho, em 1980. "Parte daquelas terras pertenciam à minha família, mas como eu não tinha documentação os políticos puderam tomar o local e construir um camping que não nos ajuda em nada", diz Diva.

A medida que passavam os anos da vida de seu João, aposentado, foi diminuindo seu interesse pela política. "Vai ter eleição, pra quê?". Seu único interesse é transmitir aos filhos as

atividades que aprendeu e que persistem na região - a pesca, a agricultura e a pecuária - e que só devem confiar em si mesmos. "Cansei de ouvir promessas que nunca foram cumpridas, vou votar em branco".

Pela televisão os habitantes do distrito só assistem às promessas nacionais, porque as parabólicas não captam o sinal local. Informações sobre os candidatos às eleições proporcionais chegam pelo rádio ou pela SC-406, a única estrada que atravessa Rio Vermelho. Mas os 1.500 eleitores já fizeram sua escolha para deputado estadual.

O conterrâneo João Itamar da Silveira, o João da Bega, motorista de longa data do caminhão que entregava leite, foi

duas vezes vereador e agora concorre ao cargo de deputado estadual. "Fiz muito pelos habitantes de Rio Vermelho e hoje sou reconhecido na Grande Florianópolis". O Candidato do partido defensor do imposto único, PL, cresceu, é dono do único posto de gasolina, da única creche e viabilizou a instalação da única agência bancária da região. Não é da época em que se matavam bois.

Mesmo sem carne, Gilberto José Nunes, 23 anos, vai votar em João da Bega. Decorou a casa e a parabólica com adesivos do candidato. "O João tem tradição política". Gilberto é funcionário do posto de gasolina.

Sandra Nebelung

SETEMBRO 94 - ZERO

Vice é vice (até assumir!)

Candidatos ao governo do estado cedem mais espaço aos seus possíveis substitutos

Os candidatos a vice-governador estão ganhando mais espaço nesta campanha eleitoral. Era de se esperar. De acordo com a tradição brasileira de levar o vice ao poder, os dois últimos governadores de Santa Catarina não completaram o mandato. Num país governado por vices durante sete dos últimos dez anos, convém conhecer melhor os nomes que os candidatos carregam a tiracolo. Os vices costumam ter uma participação na história do Brasil. A Constituição de 1946 estabelecia voto separado para o cargo de vice-presidente, que acumulava a presidência do Senado. A eleição de adversários políticos para as duas funções provocou crises sérias. Café Filho conspirou contra o presidente Getúlio Vargas e a posse de João Goulart, após a renúncia de Jânio Quadros, quase provocou uma guerra civil, culminando seu mandato com o golpe de 64. O fim da ditadura militar trouxe de volta o fantasma dos vices. Tancredo Neves nem chegou a assumir, vítima de uma infecção hospitalar, e foi substituído na presidência da República por José Sarney. A permanência de Sarney no cargo foi questionada pelos que queriam eleições diretas e chamada de inconstitucional. O ex-presidente da ARENA e PDS acabou ficando no poder por cinco anos. As eleições de 1989 permitiriam ver na presidência um candidato eleito para o cargo. Fernando Collor de Melo governou por dois anos e meio até ser soterrado pelo mar de lama do caso PC; sobe ao poder o desconhecido Itamar Franco. Em Santa Catarina, desde que foram restabelecidas as eleições diretas para o governo do estado, em 1982, apenas Esperidião Amin completou o mandato (1983-1987). Pedro Ivo Campos morreu em fevereiro de 1990, deixando o cargo para Casildo Maldaner. Gaúcho de Carazinho, Casildo foi empossado como primeiro representante do oeste catarinense a ocupar a cadeira de governador. Wilson Kleinübing abandonou o mandato no último ano para concorrer ao senado.

Carlito Costa Jr

Vilson de Souza

(Frente Popular - PDT/PSDB/PT/PPS/PSB/PC do B)

Vilson de Souza integra a chapa da Frente Popular, encabeçada por Nelson Wedekin (PDT). Natural de Luis Alves, município do norte do estado, tem 43 anos. Vilson de Souza é casado com Sabrina Haenisch e tem quatro filhos.

É formado em Direito pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Já exerceu as profissões de advogado, professor e empresário.

Em 1986 foi eleito Deputado Federal pelo PMDB. Participou da elaboração da atual constituição, promulgada em 1988. Ingressou no PSDB quando o partido foi criado, durante a Constituinte.

Em 1990, foi candidato ao Senado, já pelo PSDB, na chapa do então candidato ao governo Nelson Carneiro. Em 1992, foi eleito vice-prefeito de Blumenau, ao lado do atual prefeito da cidade, Renato Viana (PMDB). Renunciou ao cargo em abril deste ano para concorrer ao governo do estado.

Foi um dos parlamentares que recebeu nota 10 do DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar), durante a constituinte.



Plínio David de Nes Filho

(PFL)

Plínio de Nes é candidato a vice na chapa de Jorge Bornhausen. Nasceu em Faxinal dos Guedes, no oeste de Santa Catarina, tem 48 anos e é filho do empresário Plínio Arlindo de Nes, das Organizações Chapecó. É casado e tem dois filhos.

Atualmente é empresário e não tem formação universitária. Fez um curso de Marketing em São Paulo, em 1977 e ocupou diversos cargos de alta administração e gerência nas empresas da família desde 1971. Hoje é vice-presidente do Conselho de Administração da S/A Indústria e Comércio Chapecó, desde 1979; sócio-gerente da Madeireira Itagiba Ltda, desde 1977; Diretor-presidente da S/A Indústria e Comércio Chapecó-Holding, desde 1990, entre outros cargos que acumula.

Plínio de Nes concorre pela primeira vez a um

cargo público. O P F L aposta em sua origem e sua posição de industrial para arrecadar votos no oeste e apoio dos empresários da região



José Augusto Hülse

(Viva SC - PMDB/PMN/PRP/PSD/PTRB/PV)

José Hülse é filiado ao PMDB e faz dupla com Paulo Afonso Vieira na coligação Viva Santa Catarina. Nasceu em Tubarão, tem 57 anos, é casado e tem quatro filhos. É sobrinho do ex-governador Heriberto Hülse (1958-1961).

É formado em engenharia civil em Curitiba (PR) e trabalhou em diversas empresas de engenharia e construção civil. Foi um dos engenheiros responsáveis pela construção do trecho Vila-Nova - Palhoça da BR 101 quando trabalhava para a Mayrink Veiga.

Foi funcionário da prefeitura de Criciúma. Em 1976 licenciou-se para concorrer ao cargo de vice-prefeito da cidade, mas foi derrotado. Foi prefeito de Criciúma entre 1983 e 1988. Em 1990 assumiu a Secretaria de transportes do Estado, no governo de Casildo Maldaner.

Em 1987, ameaçou abandonar o PMDB, por ter sido esquecido na formação do secretariado do governador eleito Pedro Ivo Campos.

Atualmente não ocupa nenhum cargo público e é sócio da Imóveis e representações Hülse, uma imobiliária especializada no desmembramento de grandes áreas para loteamento.



Milton Sander

(PPR)

Milton Sander faz dobradinha com Ângela Amin, candidata ao governo pelo PPR. Tem 49 anos e nasceu em Chapecó, no balneário de Água das Pratas, hoje São Carlos. É casado.

Sander é formado em direito, foi advogado e professor da FUNDESTE.

Foi prefeito da cidade de Chapecó por duas vezes, nos mandatos de 1977 a 1982 e de 1989 a

1992. Foi presidente da Associação dos Municípios do Oeste Catarinense (AMOSC), da Federação Catarinense dos Municípios.

Em 1986, concorreu ao senado pelo PDS, mas foi derrotado. Durante o governo Esperidião Amin (1983 a 1986), foi secretário em Brasília do governo de Santa Catarina.

Em 1985, participou da idealização do Projeto Oeste 2000, uma entidade com a função de discutir uma série de temas relacionados ao desenvolvimento da região Oeste do estado, entre eles, a mudança da capital de Santa Catarina e a criação do estado de Iguazu, formado pelo oeste catarinense e sudoeste do Paraná.



Eles na TV e ninguém na sala

Com a nova lei eleitoral, sobra tempo para os candidatos falarem besteiras

Assistir a propaganda política eleitoral gratuita e não sentir sono é um feito quase impossível. Mas aqueles que vêm resistindo a incontrolável vontade de desligar a tevê durante esse horário estão comprovando o que a maioria esperava: o horário político está mais chato do que nunca. A nova lei eleitoral que proíbe o uso de imagens externas e recursos televisivos, como vinhetas, prejudicou, e muito, os candidatos. O jeito agora é falar ou, no máximo, mostrar clipes com fotos e pessoas desconhecidas, desde que os seus rostos não sejam identificados. Mas mesmo com tantas restrições, há candidatos que estão conseguindo se dar bem no horário político gratuito.

É o caso de Fernando Henrique Cardoso, da aliança PSDB-PFL-PTB. FHC vem apresentando o melhor programa, em termos técnicos da propaganda gratuita. E quem assiste tem gostado. Uma pesquisa realizada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, na primeira semana que a propaganda foi ao ar, mostrou que 34% dos eleitores que assistiram a propaganda gostaram do programa de FHC. Para apre-

lado. Segundo ele, os ministérios mais importantes do seu governo serão os da agricultura, da educação e o da saúde. Quanto a essa promessa já tem gente atacando.

Luís Inácio Lula da Silva acusa FHC de ser um dos principais responsáveis pela atual situação em que a saúde no Brasil se encontra. Em um dos programas, Lula atacou FHC dizendo que ele quando foi Ministro da Economia cortou dois bilhões de dólares do orçamento da saúde e que agora decidiu reerguer algo que ele próprio ajudou a derubar.

Essa e muitas outras acusações têm sido uma constante no programa da Frente Popular. Lula vem despencando nas pesquisas e escolheu o ataque como melhor forma de voltar a ser o líder. Mas se depender do horário eleitoral vai ser difícil Lula se reerguer. O programa da Frente nem de longe se compara ao da campanha de 1989, onde os efeitos televisivos e a participação de atores e cantores eram usados em abundância. Agora, o que vemos é um programa pobre, com poucos recursos, onde um Lula repetitivo conta, a cada programa, uma história vivida em algum canto do país, durante a Caravana da Cidadania.

Chatos de Plantão - Correndo atrás, muito atrás, dos líderes vêm os candidatos dos pequenos de até grandes partidos. Esperidião Amin, do PPR, apresenta um programa tecnicamente bem feito, mas

com um discurso que cansa até o mais paciente dos cidadãos. Amin vem saturando o eleitor com a história "comovente" de que trocou uma eleição ganha para governador de Santa Catarina para concorrer à presidência. Pelo que parece, o eleitor preferia que Amin não tivesse saído de Santa Catarina. Nas últimas pesquisas apenas dois por cento dos eleitores entrevistados votariam em Amin.

O eterno presidenciável, Leonel Brizola, do PDT, é outro chato de plantão. Com um dos programas mais pobres e mal feitos do horário político (pior mesmo, só o do Almirante Fortuna) Brizola prossegue fazendo o que sempre gostou de fazer nas campanhas: falar, falar e falar. Principalmente, falar mal. Nesta eleição, o alvo dos ataques é FHC e o Plano Real. Até agora, Brizola não apresentou nenhuma proposta de governo que vá além dos CIEPs.

Livre das denúncias de irregularidades na importação de equipamentos de Israel, enquanto era governador de São Paulo em 1988, Orestes Quércia continua a campanha com mais um aval de que é um homem honesto. A apresentação do

programa do PMDB é a mais brega do horário político. Quércia até parece um apresentador de auditório mostrando de forma didática as suas propostas de governo. Só está faltando as colegas de auditório para o cenário ficar completo.

Há ainda os pequenos partidos para incomodar. Incomodar não os líderes na corrida presidencial e, sim, aqueles que assistem a propaganda política. Mas para a felicidade dos eleitores, dois candidatos desistiram de disputar as eleições. Depois de passar meia dúzia de programas dando explicações, Flávio Rocha, do PL, abandonou a disputa. O candidato não encontrou uma boa desculpa a respeito do uso dos bônus eleitorais durante a campanha. O Partido Liberal foi acusado de burlar a lei eleitoral ao receber uma contribuição de R\$ 70 e de emitir bônus no valor de R\$ 140.

Outro que saiu da disputa foi o candidato do PRN, Walter Queiroz. O partido quis lembrar os velhos tempos e permitiu que o ex-presidente Fernando Collor participasse do primeiro programa do PRN. O candidato foi punido com três dias de suspensão no horário político. Quando finalmente apareceu, Walter Queiroz decepcionou aqueles eleitores que esperavam ver um candidato parecido com aquele que levou o PRN à presidência da república, em 89. Parecia um robô lendo um texto, seus olhos nem piscavam tamanha era a tensão do candidato.

Disputa estadual - Em Santa Catarina, a propaganda gratuita eleitoral não é muito diferente da do plano nacional. Há programas que dá para assistir e outros que dá vontade de desligar a televisão. Mas sem dúvida, os dois piores



Lula ataca para recuperar liderança



Plano real é principal cabo eleitoral de FHC

discurso com idéias claras, que tenha mais que 30 segundos. O jingle da candidata é tocado diversas vezes no tempo em que a candidata deveria falar. Essa deve ter sido a melhor solução encontrada pela produção do programa para preencher espaço, já que a candidata não tem muito o que falar. O tema da campanha da Ângela Amin, "Família Catarinense", repetido a cada cinco segundos, parece até tema da Campanha da Fraternidade. Mas com tudo isso, Ângela Amin ainda é a primeira colocada nas pesquisas de opinião.

Para amenizar um pouco a situação, há os programas dos candidatos Paulo Afonso, da coligação Viva Santa Catarina (PMDB-PV-PMN-PSD-PRP-PTRB) e Jorge Bornhausen, do PFL. Não que os programas sejam maravilhosos e os candidatos protótipos dos políticos que todos sempre sonharam. Os programas apenas têm um nível técnico superior aos dos outros dois candidatos.

Paulo Afonso e Bornhausen souberam aproveitar bem pequenos elementos que tornam os programas mais dinâmicos. Exemplos disso são os movimentos suaves que as câmeras realizam enquanto os candidatos discursam e os clipes com imagens do *making off* das gravações dos programas que ajudam a quebrar a monotonia do horário. As boas qualidades são essas. O resto são discursos e promessas, promessas e promessas...



Ângela: "família"



Paulo Afonso: técnica

sentar tanta qualidade, FHC contratou o reconhecido publicitário Nizan Guanaes, dono da agência DM-9. Guanaes optou por fazer o programa todo em filme de 35 milímetros. Um trabalho muito mais caro, mas que possibilita imagens com qualidade bastante superior a dos programas dos outros candidatos.

A qualidade técnica aliada a um discurso sobre um plano que aparentemente tem dado certo são os grandes responsáveis pelo crescimento de FHC nas pesquisas de opinião. FHC, a cada programa, não esquece de se auto-intitular o "salvador da pátria" porque conseguiu baixar a inflação de 45% para 5% ao mês. Mas ele só esquece de dizer que essa inflação duplicou enquanto ele era Ministro da Economia e que FHC, o homem forte da economia, como alguns setores da imprensa o chamam, seguiu ao máximo o lançamento do Plano Real. Ele sabia que o eventual sucesso do plano o levaria à presidência da república.

Essa queda da inflação faz FHC pensar que uma revolução está por vir e que ele é o principal responsável por isso. "Agora nós podemos sonhar com um país rico, justo, sério e feliz" disse o candidato no programa do dia sete de agosto. E como todo candidato, FHC não poderia deixar as promessas de



Wedekin: cansativo

programas do horário político catarinense pertencem aos candidatos Nelson Wedekin, da Frente Popular e da candidata Ângela Amin, do PPR.

Wedekin gosta de fazer o que sempre fez em todas as campanhas eleitorais que participou: falar das suas lutas políticas durante a época da ditadura. Tudo isso é apresentado ao eleitor em um cenário pobre com um som que destoa dos demais programas. Pior mesmo, só o programa da candidata Ângela Amin.

No horário reservado à candidata não são os cenários bregas nem a musiquinha enjoada o que chamam mais a atenção, mas sim, a própria Ângela Amin. Com sérios problemas de oratória, Ângela não consegue articular um

SETEMBRO 94 - ZERO

Texto: Ivana Back
Fotos: Paulo de Tarso

Por um palmo de chão

Em Seara, índios deserdados e colonos pobres brigam pelas mesmas terras

ZERO - SETEMBRO 94

Há três semanas Osmar Fabrim, agricultor e intendente da prefeitura de Seara, a 600 km de Florianópolis, parou o carro em frente ao centro comunitário de Linha Nova Brasília, no interior do município. Em poucos minutos tomou-se prisioneiro de um grupo de índios kaingangues, tribo que luta para reaver o território ocupado por seus antepassados. Fabrim teve que tirar a roupa, enquanto as índias discutiam se deviam deixá-lo em uma árvore. Tudo porque ele teria prometido derrubar os barracos dos índios. Com a intervenção direta do cacique João Carlos Gonçalves o agricultor foi liberado e desde então não passa mais pelo local. Depois do incidente a tensão entre índios e colonos da região começou a aumentar. E, pelo jeito, não tem data para terminar.

O clima de confronto começou em 10 de agosto, quando 14 famílias de Kaingangues ocuparam o centro comunitário e a escola municipal de Linha Brasília. Eles reivindicam a posse do território que lhes pertencia até 1910 quando começaram a chegar os primeiros colonizadores alemães vindos do Rio Grande do Sul. Há dois anos, cerca de 60 kaingangues estavam acampados em barracos de lona na encosta do morro próximo dali, em uma faixa de terra de apenas 8 x 50 metros. No acampamento eles passavam falta de alimentos e de remédios,

além do intenso frio, que castigava principalmente as cerca de 30 crianças. Depois de descerem a encosta e ocuparem a escola e o centro comunitário, os índios começaram a transferir as barracas para o terreno dos irmãos Valdemar e Cláudio Drexlen, num claro sinal de que vieram para ficar.

Liderados pelo cacique João Carlos Gonçalves - e com o apoio de dezenas de índios das reservas

Construí toda a minha vida aqui. Branco também tem raízes e se apegou à terra.

Germano Otto Orlig, agricultor

de Xapocozinho, nos municípios de Xanxerê e Ipuçu e Toldo Chibanguê em Chapecó - os kaingangues começam a pressionar o Governo Federal a assinar imediatamente o decreto de demarcação de 893 hectares. A área é ocupada há mais de 20 anos por 42 famílias de pequenos agricultores, que adquiriram a terra, na sua maioria, da colonizadora Luce & Rosa, que desde 1910 tinha autorização dos Governos Federal e Estadual para ocupar a região. A partir dos anos 40 a colonizadora começou a vender as terras e expulsar os índios da região. Nesses anos os índios expulsos e seus descendentes se espalharam pela região, trabalhando como peões, meeiros ou arrendatários para os agricultores ou migraram para os centros urbanos.

Baseado em estudos do antropólogo Wagner Antonio de Oliveira, a FUNAI elaborou um parecer para o

Governo Federal reconhecendo que antes do início da colonização na região, o grupo indígena do cacique Gregório Mréyn habitava uma área de 8.990 ha, situada entre os rios Anirranha, em Seara e o Irani, em Chapecó. Os 893 ha pretendidos pelos descendentes do cacique Gregório fica situado dentro dessa área.

Os kaingangues de Pinhal exigem seus direitos apoiados na Constituição Federal. Ela diz, em seu Art. 231 que são reconhecidos aos índios os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam. Segundo o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), os descendentes de Gregório Mréyn são hoje cerca de 400 pessoas espalhadas pelos municípios de Seara, Xaxim, Xanxerê, Cordilheira Alta, Fachinal dos Guedes, Vargeão, Arvoredo, Itá e Chapecó. Os indígenas teriam o direito de ocupação da área total de 8.990 ha (onde hoje vivem cerca de 450 famílias de colonos) mas para apressar a solução do problema a FUNAI, fez uma proposta de reconhecimento imediato da área inicialmente identificada de 893 ha. A proposta da FUNAI foi endossada também pelo presidente da Associação Brasileira de Antropologia, Sílvio Coelho dos Santos, com o seguinte parecer: "a proposta final deve ser considerada como solução política imediata destinada a assegurar aos índios o início do processo de resgate de seu 'ethos'".

E é justamente a solução política imediata que preocupa os colonos da área. Eles são o retrato da decadência do modelo rural catarinense: os mais "ricos" tem entre 30 e 50 ha de terra, um carro velho na garagem, e ainda trabalham as íngremes encostas na base do arado a boi. Todos têm título de propriedade das áreas. Para deixarem a terra os colonos deveriam ser reassentados em outra região e devidamente indenizados. O vereador e presidente da comissão de negociação dos colonos, Ernesto Theobald, afirma que 80% dos colonos concordam em ceder as terras, mas somente no caso em que toda a área seja inde-



Para recuperar suas terras os índios desceram a encosta e ocuparam uma área próxima ao centro comunitário de Linha Brasília, em Seara.

nizada ao mesmo tempo e pelo valor real. "E tudo ou nada. Reconhecemos os direitos dos índios, mas também temos os nossos direitos", explica. Segundo ele se o governo desapropriar somente os 893 ha, cinco comunidades vão ficar isoladas entre duas áreas indígenas: a de Toldo Chibanguê de um lado e a disputada atualmente em outro. Os colonos temem que, num segundo momento, para tentar reaver o restante da área os índios comecem a bloquear as estradas, como aconteceu há poucos dias em Abelardo Luz.

O chefe indígena João Carlos Gonçalves confirma os temores dos colonos. Ele reconhece que os proprietários têm o direito de serem indenizados pelo governo, porque compraram a terra indígena sem saber. Os índios aceitam os 893 ha num primeiro momento. Depois vamos exigir toda a área. Esta terra é nossa e queremos ela de volta", disse. As entidades envolvidas com a questão como a FUNAI e o CIMI se empenham em evitar um clima de conflito entre colonos e índios, como aconteceu nos anos 80 durante o processo de demarcação da área indígena do Chibanguê, em Chapecó. Na ocasião durante meses houveram confrontos hostis entre colonos e indígenas.

Apesar da aparente calma e do reconhecimento dos direitos de uns e de outros o confronto parece inevitável. Desde que os índios desceram a encosta do morro pequenos incidentes e versões contraditórias comprovam o medo e a tensão reinante entre os índios acampados e as famílias mais próximas. A família Drexlen, cuja terra está sendo usada pelos índios, foi procurada por outros vizinhos para tentar alguma ação na justiça. Com medo de represálias eles aceitaram a ocupação. O próprio cacique confirma que eles

tiveram medo de fazer qualquer oposição. "Se resistissem a gente tocava fogo nas casas deles". A família Hartman diz que também se sentiu ameaçada quando uns 50 índios vasculharam ao redor da casa e o depósito, enquanto a mulher estava trancada dentro de casa com uma criança de 10 meses. Os índios por sua vez, dizem que o filho dos Hartmann teria disparado tiros de espingarda para afugentá-los. O rapaz afirma que

mas não entrega a terra facilmente. Germano, de 65 anos, é um dos colonos que não aceita reassentamento. "Não quero ir pro Norte ou pra quem sabe aonde. Construí toda a minha vida aqui. E branco também tem raízes. Não é só índio que se apegou à terra". Nervoso, seu Germano está preocupado com a safra: "temos que plantar para comer. Não temos o CIMI ou a FUNAI para nos dar comida de graça". A menos de um quilômetro da sua casa o cacique João Carlos está decidido a cultivar todas as áreas da redondeza. "Se os colonos resistirem nós colocamos cinco mil índios aqui, armados com armas de fogo, lanças e flechas venenosas".

Os conflitos pela posse da terra no Brasil sempre foram marcados pela luta dos posseiros ou sem-terras de um lado e latifundiários de outro. No caso de Seara há uma total inversão dessa lógica: de um lado estão os índios, historicamente expulsos de suas terras e do outro pequenos colonos que se mantêm na agricultura à custa de grandes sacrifícios.

Esta terra é nossa até a última gota de sangue para recuperá-la.

Cacique João Carlos Gonçalves

não houve disparos, mas que os índios já correram com ele da roça duas vezes. "De agora em diante ando sempre armado. Se invadirem a nossa terra vão levar fogo", diz o rapaz, furioso. Até o motorista que recolhe leite dos colonos para a cooperativa está fazendo uma volta de mais de 30 km só para não percorrer os 500 metros que separam duas propriedades, entre as quais fica a escola e o centro comunitário, ocupados pelos índios. Os próprios kaingangues montam turnos de guarda durante a noite para evitar algum ataque de surpresa dos colonos.

Para garantir a posse da área ocupada os índios já iniciaram o preparo da terra para o plantio. Segundo o cacique João Carlos depois que concluírem a área dos Drexlen eles vão passar para as áreas dos vizinhos. Como os Hartmann, Germano Otto Orlig, um dos moradores mais próximos, diz que vai brigar na justiça,

Desde o início de agosto os kaingangues ocuparam a escola e o centro comunitário de Linha Brasília.

De volta ao passado

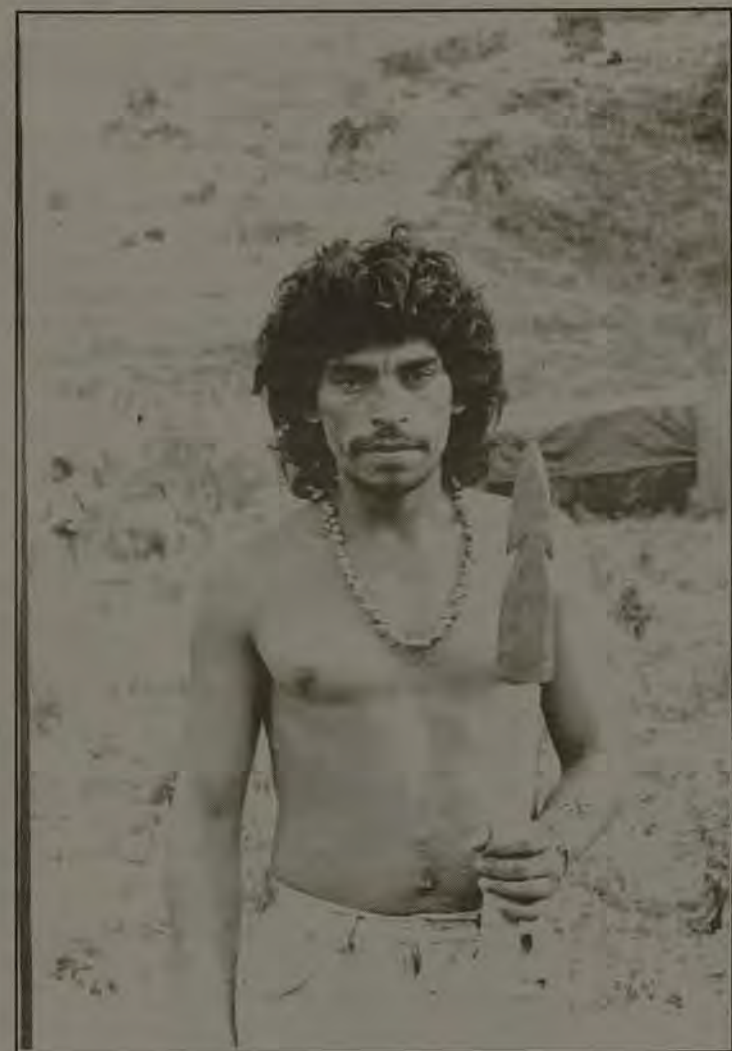
João Carlos Gonçalves, o líder dos índios acampados em Toldo Pinhal, tem 30 anos e foi escolhido para ser o novo cacique em substituição a João Maria Piroy, hoje com 80 anos. Durante muito tempo João Carlos viveu perambulando pela região, trabalhando em diversos serviços, inclusive no frigorífico da Ceval, em Seara, onde foi empregado por mais de dez anos.

Em 1972, quando andava por Porto Alegre, João Carlos encontrou os primeiros mapas das terras que pertenceram a seus antepassados kaingangues e hoje reivindicadas pelos descendentes. Aos poucos foi tomando consciência dos direitos de seu povo e há três anos quando o velho cacique João Maria o chamou dizendo estar sendo ameaçado pelos colonos, eles iniciaram a luta pela posse da terra no Pinhal.

Mas essa não é a primeira ocupação de João Carlos. Ele já pode ser considerado um profissional na luta pela posse da terra: participou das ocupações que resultaram na demarcação das reservas de Nonoi no Rio Grande do Sul e Toldo Chibanguê em Chapecó. E quer ir adiante. "Índio é assim mesmo. Não pára em lugar nenhum. Depois dessa área vamos ocupar outras e depois outras. Enfim, onde for comprovado que era área indígena nós queremos a devolução".

Tranquilo, mas decidido, o cacique tem resposta para todas as questões, até mesmo para o argumento de que todo o Brasil era área indígena. "Claro! e gostaríamos que ele voltasse a ser dos índios". E os brancos? "Não são alemães e italianos, que voltaram para lá". Sobre o que fazer com os negros ele reluta um pouco: "Olha eles também tem uma história sofrida. Mas o certo é que voltassem para suas terras de origem".

Sobre a ocupação João Carlos não tem dúvidas, nem meias palavras: "Esta terra é nossa e vamos derramar até a última gota de sangue para recuperá-la". O destino dos colonos, segundo ele, é problema dos brancos, do gover-



João Carlos Gonçalves é o novo cacique e líder dos kaingangues de Toldo Pinhal, em Seara.

no. Ele também reclama que o índio acaba sendo obrigado a cultivar a terra - "um costume dos brancos" - para sobreviver. "Mas o que o índio gosta mesmo é de caçar e pescar".

O líder dos kaingangues também é enfático ao afirmar que não confia em brancos, nem mesmo naqueles que os ajudam, "porque o branco sempre termina traindo, e a maioria só se interessa por nós para fazer estudos". Mas acaba se atrapalhando um pouco quando questionado se não são os conhecimentos dos brancos (antropólogos e pesquisadores) que permitem a eles identificar os cemitérios dos antepassados e os antigos limites de suas terras.

"O índio também sabe, e melhor. Por exemplo, nós sabemos que a caveira de um índio dura mais de cem anos e a do branco não".

Reconhecida área xocrene em Porto União

Em Rio dos Pardos, no município de Porto União, há uma área de 828 hectares que recentemente foi reconhecida como pertencente aos índios. O cacique xocrene Osvaldo Pereira Gomes, afirma que vai reunir cerca de 200 índios que estão espalhados pelo estado e vai tomar posse da área, onde quer fazer um parque ecológico além de algumas roças. O cacique Osvaldo, que já esteve 20 anos na reserva de Ibirama, diz que vai fiscalizar pessoalmente a demarcação das terras. "E essa área é apenas um terço da área total que queremos, de 2000 hectares", conclui o cacique.

Textos e Fotos do enviado especial Jalme Luccas



Há 36 anos Germano Orlig comprou uma pequena área de terra da colonizadora Luce & Rosa. Na foto acima, com a esposa e amigos logo que vieram morar no local e hoje, com um dos filhos.



O sacolão dos famintos

No Cestão do Povo, sobras são banquete dos miseráveis

Não faz isso menino. É feio mexer nas coisas dos outros. Espera a ordem do patrão que Deus abençoe e tu vai encher a sacola.

É meio-dia de sábado e o Cestão do Povo, na Baía Sul, está para terminar. Ao redor da feira quase

duzentas pessoas, na maioria negros, aguardam ansiosas. Sacolas plásticas ou bolsas velhas nas mãos. Todos esperam que a feira termine para tentar pegar as sobras de frutas e verduras. Uma corda de isolamento colocada a uns 5 metros das caixas com as frutas mantém distante o povo.

Dona Salete procura conter os meninos que furam o isolamento e se aproximam sorrateiros tentando roubar alguma coisa. Com 1,60 de altura e mais ou menos 70 quilos, dona Salete aparenta uns 60 anos. Mora no Bairro da Serraria, próximo a Biguaçu e vem todos os sábados ao Cestão para conseguir algumas frutas e verduras. Para ela o Seu Bastião, o dono da feira, é um homem bom, "sempre deixa o povo pegar as sobras. Mas tem que respeitar, tem que esperar a ordem dele". Com um sorriso dona Salete explica que "quando a gente vai roubar, como esse pessoal, tá seguindo o Anjo Mau. Mas quando a gente espera a ordem do patrão, a gente ouve o Anjo Bom. E na Bíblia tá escrito que precisa seguir o Anjo Bom". Enquanto dona Salete não se importa com a longa e cansativa espera - já

está ali há mais de uma hora - outros, mais afoitos, querem fazer logo a sua feira. Aproveitando a distração dos empregados, algumas crianças continuam a passar

por baixo da corda para apanhar mamões ou laranjas. Os adultos, na maioria mulheres, esperam de pé atrás da corda, com o sol a pino e um calor de 27 graus. Os olhos fixos nas frutas e verduras expostas. A qualquer momento a feira pode terminar e todos vão encher suas sacolas.

Apoiado em um coqueiro está seu Francisco. Cabelos despenteados, barba crescida, uma calça jeans suja e um pacote embaixo do braço. Sempre que tem o Cestão ele vem pegar alguma sobra. "O homem sempre deixa alguma coisa prá gente. É um homem bom. Os empregados dele, esses pés-de-chinelo, é que não prestam. Ficam xingando e jogando laranja na gente". Seu Francis-

Ainda bem que não fumo, nem bebo. Mas é duro depender da caridade dos outros".

Três senhoras, todas negras, se cansam de esperar no sol, atrás da corda, e se sentam numa sombra próxima. Mesmo sabendo que quando o homem liberar a feira vai ser aquela correria prá ver quem consegue encher as sacolas com o que sobrou. Uma delas, dona Maria, mora no Monte Cristo. Está vestida com roupas limpas e um sapato alto, não tem aparência de miserável. Vem pela primeira vez ao Cestão:

- Vim ver se sobra alguma coisa.

- Nós viemos de Ponta das Canas. É longe mas compensa. Dá prá defender a semana - responde outra, enquanto dá uma bronca nos dois filhos que rolam pelo grama.

Já passa de uma da tarde e a feira ainda não acabou. Nessa altura já são raros os clientes. A preocupação, estampados nos olhares dos que esperam do outro lado da corda é uma só:

- Será que o dono vai liberar as sobras prá gente?

- Às vezes ele fica bravo com a criançada que rouba as frutas e resolve levar tudo embora - explica o senhor, vestindo uma camisa do deputado Vasco Furlan. - Ele carrega tudo naquele caminhão azul e leva para os porcos.

Com a demora aumenta o número dos que aproveitam as distrações dos empregados. Também algumas senhoras tentam, como os meninos, correr até as caixas de frutas e voltar rapidamente para trás da corda. Aos gritos os empregados jogam tomates e laranjas nos intrusos para que se mantenham atrás da corda. Dona Salete continua ali, à espera da ordem do Seu Bastião.

- Podem carregar tudo nos caminhões. Hoje não vou deixar nada. Esse pessoal não tem educação.

Lentamente os empregados começam a colocar as frutas e verdu-



Todos os dias, quando o Mercado fecha, os pobres de Florianópolis fazem a festa com os restos dos açougues e peixarias





ras nas caixas. Como seu Bastião não tinha falado muito alto, no início só alguns dos "de trás da corda" percebem que está acontecendo. Porém, quando se dão conta do que está para acontecer, começam a se movimentar. As tentativas de pegar alguma coisa aumentam e os projéteis de tomates e laranjas jogados pelos empregados também. Os gritos de *vai embora, fora e prá trás da corda* se repetem por todos os lados. Dois meninos entram para apanhar alguma coisa no chão e são expulsos aos empurrões por um funcionário loiro, alto e forte, metido na camiseteta com as inscrições *Cestão do Povo*. Outro menino não gostado petardo alaranjado que recebeu e apanha pedras para revidar. O funcionário, magrela e alto como um jogador de basquete, sai atrás do menino ameaçando bater nele.

Mas logo os ânimos são acalmados e a briga só continua através de olhares furiosos. Poucos minutos depois outro empregado chama uma mulher de vagabunda. A mulher, aparentando pouco mais de 20 anos, não gosta e imediatamente pega uma caixa de madeira e parte para cima do homem. Puxa daqui, puxa dali, ela sai arrastada pelo próprio marido:

- Fica quieta mulher, deixa isso prá lá, você pode machucar alguém.

- Esse desgraçado me paga. Vagabunda é a mãe dele -, grita a mulher ainda sendo segura pelo marido.

Logo outra senhora, negra, de uns 40 anos toma as dores da ofendida.

- Sem vergonha. Tu não conhece ninguém fic chamando a mulher de vagabunda. Ela tem marido, viu. Mas a mim tu não chama de vagabunda, não. Porque eu desço com todo o morro e quebro isso aqui tudo, viu!

O empregado continua tirando a corda que serve para isolar os pedintes das caixas com a feira. - Não quer um saco de cebola prá calar a boca e dar o fora?

- Olha aqui, cara. Não é porque a gente tá precisando que a gente se

vende por pouca coisa. Nós temos família e somos gente honesta! - A negra do morro continuava falando mas o empregado já estava longe, sem prestar atenção.

A pequena confusão acabou por ali mesmo. O marido da ofendida se mantinha por perto para impedir que desse algum acesso de ira na mulher e ela avançasse novamente à procura do empregado que a ofendeu. Dona Salete e uma dezena de outras senhoras continuavam ali, paradas, com as sacolas vazias.

Do outro lado, um homem está enchendo as caixas com as batatas que restaram. É Mário, morador da Prainha. Funcionário da prefeitura, ele trabalha no estacionamento do Mercado Público. "Um sábado sim, outro não, tenho folga e venho trabalhar aqui para defender a feira da semana". Um menino se aproxima e Mário deixa que

"Todo o homem tem o direito de expor sua vida para conservá-la"

Jean-Jacques Rousseau

o ajude a colocar as batatas nas caixas. Instantes depois um dos empregados da feira grita: "tira as mãos das batatas seu moleque" e lança uma laranja no menino que se afasta quieto. "É chato - diz Mário - mas não posso fazer nada. Eu só faço bico aqui. O prefeito deu ordem para que os feirantes deixem o que sobrar para o povo. Mas nem sempre eles cumprem". Mário prefere não dizer para onde vão essas sobras para não se comprometer.

Outro empregado que passa carregando uma balança não tem o mesmo problema. "Vai tudo pro

lixo. Vocês não vão ganharnada", grita em alta voz dirigindo-se a uma moça que ainda tentava encontrar algo para sua sacola. Na volta ele tenta se explicar: "As coisas boas a gente traz na próxima feira. O resto vai pro lixo ou para os porcos. Hoje o patrão se irritou com esse pessoal. Devem ter roubado mais de 50 quilos".

Aos poucos as frutas e verduras já estão nos caminhões. Os "de trás da corda", desiludidos, transitam de um lado para outro. Enquanto dois funcionários fecham as laterais do caminhão azul, carregado de lixo misturado com frutas estragadas, alguns se acotovela em uma última tentativa de catar algo para suas sacolas.

Dona Salete aproveita que Seu Bastião, o dono da feira, está passando e vai apertar sua mão, sorridente:

- Bem que o senhor fez. Esse pessoal não tem respeito. Vão mexer no que não é deles, sem esperar a ordem.

- Hoje passaram dos limites, incomodaram demais.

- É isso aí. Não tem prá um, não tem prá ninguém.

Seu Bastião não perde muito tempo por ali e vai embora. Nessa altura só restam as caixas vazias e as tábuas que serviram para a feira. A maioria dos "de trás da corda" já se dispersou. Então dona Salete e uma dezena de outras senhoras, todas com mais de 40 anos, entram em ação. Começam a carregar as caixas vazias para os caminhões. Apesar da idade e do peso dona Salete se move rapidamente. Faz questão de mostrar serviço pegando as caixas que estão mais distantes, e duas de cada vez. Por mais de meia hora elas carregam as caixas vazias para os caminhões. Os jovens empregados brincam e conversam animadamente alheios ao vai-e-vem e ao esforço das velhotas.

Finalmente dona Salete e suas companheiras terminam de carregar as caixas vazias e o caminhão está pronto para partir. Como prêmio pela persistência, ou pela hora de trabalho intenso, um dos empregados enche suas sacolas com frutas e verduras.

A 50 metros da feira, à beira da rua, os funcionários das peixarias e dos açougues do Mercado Público despejam caixas com restos de peixes e sacos de lixo. Um 20 pessoas, daqueles que antes estavam

"atrás da corda" se amontoam, num empurra-empurra, ao redor daqueles restos. Dona Maria logo encontra um osso de uns 3 quilos e o coloca na bolsa plástica, enquanto fuma um cigarro. Os outros afundam as mãos entre os restos de peixes e carnes estragadas. Aos poucos os saquinhos plásticos vão se enchendo daqueles restos impossíveis de identificar, que exalam o cheiro forte e gorduroso dos açougues e peixarias.

Quando chega o caminhão de lixo da Comcap tem início uma pequena competição: os funcionários que tentam jogar o lixo para dentro do caminhão, enquanto uma dezena de mãos ainda tenta agarrar algo para seu saquinho.

Em poucos minutos a disputa acaba. O caminhão de lixo vai embora e os que estavam do outro lado da corda da feira - e da vida - ficam com seus saquinhos de restos.

Depois da feira, "os de trás da corda" são brindados com os restos. São eles ou os ratos.



Texto e fotos: Jalme Luccas



Intoxicação à la carte

Desde o início do ano 2.400 pessoas já se contaminaram em restaurantes na grande Florianópolis

Um restaurante fino, com bela decoração e som ambiente não é garantia de comida saudável. Nos últimos três meses, 31 estabelecimentos - entre bares, restaurantes e lanchonetes - foram interditados na região da Grande Florianópolis. Entre eles, cerca de 20 apresentaram problemas de tóxico-infecção alimentar e os restantes foram fechados porque não seguiam as normas de higiene ou não apresentavam espaço adequado para fabricação e armazenamento dos alimentos.

No final das contas, o saldo é indigesto: com uma média de 40 pessoas contaminadas em cada

um dos 20 estabelecimentos fechados por tóxico-infecção alimentar, cerca de 800 pessoas acabaram vítimas da *Salmonella*, bactéria que provoca sintomas nada agradáveis. Vômito, diarreia e dores de cabeça fizeram Maria José Baldessar perder quatro quilos, depois de um "belo" jantar no restaurante Monte Carlo (Estreito). Murilo Silva também não escapou da sensação de mal-estar e ainda acabou de bolso vazio, depois do "estrage" provocado por um almoço no Maximo's Restaurante (Centro). "Gastei 75 reais na farmácia e minha vontade foi levar as notas fiscais para que o dono do restaurante pagasse a conta", reclama.

O que Murilo não sabe é que se tivesse denunciado o caso ao Centro de Promotorias da Coletividade poderia ter seu dinheiro de volta. De acordo com o Promotor Antenor Quinato Ribeiro, a indenização é um direito assegurado no Código de Defesa do Consumidor. "Se a intoxicação atingiu grande número de pessoas, o Centro de Promotorias tem legitimidade para buscar um acordo coletivo ou até mesmo ajuizar uma ação", explica Quinato. "Se a repercussão for menor, outra alternativa seria recorrer ao Juizado de Pequenas Causas, com o auxílio de um advogado".

Segundo o Diretor da Vigilância Sanitária em Santa Catarina, Guilherme Farias Cunha, a intoxicação por *Salmonella* pode-se dar de duas formas: ou o alimento já chega contaminado, ou a pessoa que manipula o alimento está contaminada. Nos últimos casos registrados pela Vigilância, a transmissão da doença aconteceu através de funcionários contaminados que não fizeram uma boa higiene antes de manipular os alimentos. Isso demonstra que os exames médicos necessários para a contratação de funcionários não estão sendo exigidos por muitos estabelecimentos. Muitos proprietários se preocupam com as aparências e esquecem de alertar seus funcionários para as noções básicas de higiene.

Outro fator de intoxicação alimentar é o reaproveitamento inadequado dos alimentos. Guilherme Faria acusa o empresário de não estar atento para este problema. "Quando o alimento é reaproveitado de um dia para outro, seu reaquecimento pode provocar a proliferação de bactérias", alerta.

Kírla Meurer

A bactéria maldita

Salmonella é o nome da bactéria que já contaminou cerca de 2.400 pessoas neste ano. A maior fonte de *Salmonella* é o alimento contaminado. A bactéria pode estar presente na carne, no leite cru e principalmente nos ovos. Ela pode ser incorporada dentro do ovo antes da casca estar completamente formada, ou então o ovo é contaminado durante sua expulsão da galinha. Um ovo com *Salmonella* requer pelo menos 3 minutos de fervura para matar as bactérias.

Pessoas que manipularam alimentos contaminados podem ter *Salmonella* embaixo das unhas e acabam transferindo as bactérias para outros alimentos.

Sintomas: Um dos distúrbios mais comuns provocados pela *Salmonella* é a gastroenterite ou intoxicação alimentar. Os principais sintomas são náuseas, fortes dores abdominais, diarreia e vômito. Febre e calafrios tam-

bém são comuns. Todos estes sintomas duram em média cinco dias e geralmente provocam perda de peso.

Tratamento: É importante repor todo o líquido perdido com a diarreia e o vômito. Por isso deve-se tomar sucos de frutas, chás, caldos e muita água. Em bebês que ainda mamam a infecção pode se complicar, pois o leite costuma prolongar a diarreia. Só nestes casos deve ser feito tratamento com antibióticos, que serão receitados pelo médico. Os adultos geralmente se recuperam sem antibióticos entre dois a cinco dias.

Medidas preventivas:

- Lavar muito bem as mãos antes de manipular alimentos.
- Manter as unhas curtas e limpas.
- Evitar carnes mal-passadas.
- Fritar ou cozinhar os ovos por pelo menos 3 minutos.
- Lavar frutas, legumes e verduras.
- Só tomar leite e água fervidos.

Mercado exige profissionais de alto nível

O Mapa do Mercado de Trabalho do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) feito este ano mostrou que existem 656 mil subempregados em Santa Catarina, ou seja, pessoas que enfrentam problemas de alimentação, moradia e trabalho, e que vivem em extrema miséria. A justificativa é que o número de minifúndios diminuiu no estado. Sem ter de onde tirar o sustento, trabalhadores do meio rural migram, iludidos com a possibilidade de conseguirem uma vida mais digna. Quando mais uma vez se dão conta da realidade do desemprego, encontram como única alternativa ajudar a aumentar os cinturões de miséria ao redor dos centros.

Só Florianópolis tem 46 áreas de periferia diagnosticadas. Alguns exemplos são as comunidades de Jardim Ilha Continente (JIC) e Saco Grande II. Nesses bairros moram principalmente imigrantes do Sul e Oeste de Santa Catarina, que trabalham como motoristas, vigias, faxineiras, serventes e domésticas. Em resumo, mão-de-obra barata e desqualificada.

As soluções para problemas deste tipo começaram a surgir em 1986, quando Ninita Muniz, que trabalhava com o então prefeito Edison Andrino, criou os Centros de Profissionalização. Empresária do ramo confeccionista, Ninita implantou na Trindade uma escola que dava aulas gratuitas de costura industrial para os moradores do bairro.

Bulcão Viana ampliou o projeto, e deu um novo nome: Unidades Comunitárias de Profissionalização e Produção (UCCPs). Foram construídas mais duas unidades, sendo uma em Saco Grande II e outra no JIC, e foram feitos convênios com o Sebrae e o Senai. No ano passado a administração Sérgio Grandó implantou convênios com a UFSC, Udesc, Sistema Nacional de Empregos, Fundação do Ensino Técnico de Santa Catarina e Escola Técnica Federal, mas manteve como única opção os cursos de costura industrial. E mudou mais uma vez o nome do projeto: Centros de Profissionalização Popular (CPPs).

Com a renovação deste acordo no último dia 9 de agosto, as metas mudaram. O principal objetivo agora é aumentar o leque de opções dos trabalhadores. Segundo Simone Matos Machado, supervisora técnica do programa, o mercado confeccionista está em crise e não adianta treinar pessoas para trabalhar num mercado saturado. Além disso, existem problemas em alguns bairros, como no JIC, onde os moradores não gostam de trabalhar em confecção. E o que é mais grave: quando fabricados, os produtos não têm condições de competir com as grandes empresas. O único lugar disponível para a venda das roupas, no box do camelódromo cedido pela Associação de Voluntárias de Florianópolis, não traz um retorno que compense trabalhar no ramo.

Por isso o programa visa, agora, uma pesquisa para saber quais cursos profissionalizantes atendem às necessidades dos moradores. Esse resultado vai ser comparado com a disponibilidade do mercado de trabalho. O professor da UFSC Norberto Suhnel, que supervisiona o projeto, explica que a grande dificuldade de fazer treinamento de pessoas carentes é que a lógica de ensino é totalmente diferente da educação a longo prazo, que a universidade está acostumada a fazer. Segundo ele, as pessoas têm que acompanhar o curso profissionalizante de modo que elas possam frequentar, produzir e vender seus produtos simultaneamente, para garantir seu sustento.

Flávia Rodrigues

Expulsos a botinadas

Associação José Martí reúne exilados políticos da América latina

Estádio Centenário, Montevideu, 1930. Oitenta mil torcedores presenciaram a virada fantástica: com três gols no segundo tempo, o Uruguai venceu a Argentina por 4 a 2. Leonel Perdomo tinha 12 anos e estava na arquibancada, vibrando com a conquista da primeira Copa do Mundo e com a irreverência do pontasquerda Iriarte, dono do inusitado hábito de sentar na bola durante o jogo.

Carnaval de 1937. Leonel criou coragem e tirou para dançar a moça que o havia encantado desde o começo do baile. Dançaram a noite inteira. Na tarde seguinte, e durante toda aquela semana, foram juntos à praia. Namoro longo, para que ele completasse o curso de Arquitetura. Casaram-se em 1942.

"Bons tempos aqueles", lembra Laura, sentada na sala da casa repleta de vidraças projetada por Leonel na praia de Jurerê, norte de Florianópolis. No porta-retrato ao lado do sofá, a foto do pai dela, um engenheiro civil, com Albert Einstein. Nas paredes, o retrato de Laura se destaca dos outros quadros, abstratos e marinhas, pintados por Leonel.

Em meados da década de 70, o casal participava da Frente Ampla, uma das entidades mais perseguidas pela ditadura militar uruguaia. O governo desconfiava que havia alguma ligação entre os membros da Frente Ampla e os Tupamaros, um grupo guerrilheiro que assaltava bancos, seqüestrava embaixadores e contava com a simpatia da maior parte da população.

Perseguição política - Durante um fim-de-semana em Punta del Este, Leonel e Laura receberam um telefonema: a casa de Montevideu havia sido destruída por uma bom-

ba. Foi a gota d'água. Fartos de verem os amigos desaparecerem e temendo pelos cinco filhos, vieram para o Brasil em 1977. Os militares ficaram no poder até 1985 e deixaram o Uruguai financeiramente tão esraçalhado quanto os vidros das casas que atacaram. "O país lindo que conheci se transformou num lugar de gente amargurada", diz Laura.

Em Florianópolis, cidade que escolheram porque sempre viveram perto do mar, Laura e Leonel têm se ocupado com as reformas da casa, perdida no final de um simpático beco sem saída e sem calçamento. À noite, gostam de cultivar a velha paixão por filmes europeus indo ao cinema. Menos às terças, reservadas para as reuniões da Associação Cultural José Martí de Santa Catarina, que fundaram no ano passado com outras 17 pessoas, a maioria estrangeiros que sofreram perseguição política.

A Associação, que tem filiais em mais de vinte países e em dez estados brasileiros, propõe-se a lutar pela soberania e auto-determinação dos povos latino-americanos. No momento, a maior preocupação é com a crise de Cuba, causada pela dissolução da União Soviética e agravada pelo embargo econômico liderado pelos Estados Unidos.

Mania brasileira - Numa das últimas reuniões, Arturo Rua, professor de geografia de Havana que veio a Florianópolis para uma palestra na UFSC, falou durante três horas sobre a situação de Cuba. "Ninguém está passando fome, mas temos comido metade do que comíamos", contou. Com a falta de petróleo, quase não há carros e ônibus nas ruas. As bicicletas têm sido o principal meio de transporte - em Havana, há um milhão e meio delas para pouco mais de dois milhões de habitantes. A energia elétrica está sendo racionada, com "apagões" de até doze horas por dia.

Arturo garante que, apesar das dificuldades, os sistemas-modelo de educação e saúde têm sido man-



Fugindo da ditadura, Laura e Leonel vieram para o Brasil em 1977

tidos. Mas admite que, depois de 35 anos no poder, Fidel Castro está cansado e o país se prepara para substituí-lo - embora Fidel tenha dito, em recente visita ao Brasil, que não entende a "mania" brasileira de fazer eleições.

Buscando formas concretas de ação, a José Martí de Santa Catarina negocia um convênio com um hospital cubano, que propiciaria a doentes de câncer brasileiros tratamentos mais baratos do que os daqui. Além disso, está tentando trazer à Florianópolis o cantor Pablo Milanez, um dos grandes nomes da música latino-americana.

Final feliz - As reuniões da José Martí são feitas na casa do equatoriano Edison Puente. No final da década de 70, estudante de Medicina, ele seguia os passos políticos do pai - morto num acidente de trânsito quando Edison tinha 13 anos -, que havia sido líder do sindicato de motoristas de Tulcán, uma cidade de 80 mil habitantes na fronteira com a Colômbia.

Quando a ditadura militar co-

meçou a sumir com os membros da Concentração de Forças Populares, Edison ouviu um conselho da mãe: "é melhor você dar uma volta". Juntou o dinheiro que pôde e saiu o mais rápido possível do país. Passou pelo Peru, Bolívia, Argentina e Paraguai antes de chegar ao Brasil.

Em Joinville, um conhecido lhe arranhou moradia e emprego. Nove anos depois, mudou-se para Florianópolis. A democracia voltou ao Equador, mas Edison não. "Nunca sobrou dinheiro para a viagem e acabei me envolvendo com os problemas do Brasil", conta ele, hoje funcionário da Associação dos Professores da UFSC.

Há dois anos conheceu Diana, uma argentina que passava as férias em Florianópolis. Três meses depois estavam casados. Dezembro promete ser um mês feliz para Edison: vai nascer seu primeiro filho e ele receberá a visita da mãe, que não vê desde que precisou fugir de casa.

Maurício Oliveira

SETEMBRO 94 - ZERO

José Martí, a liberdade de um povo

No mundo há de haver certa quantidade de decôro, como há de haver certa quantidade de luz. Quando houver muitos homens sem decôro, há sempre outros que têm em si o decôro de muitos homens. Esses são os que se revelam com força terrível contra os que roubam dos povos sua liberdade, o mesmo que roubar dos homens seu decôro. Nesses homens vão milhões de homens, vai um povo inteiro, vai a dignidade humana."

As palavras são de José Julián Martí (1853-1895), herói da independência de Cuba e de outras colônias espanholas da América Central. Poeta, escritor e jornalista, é considerado um dos iniciadores do Modernismo na América Latina. Inspirador da Revolução Cubana de 1959, morreu no combate de Boca de los Ríos, três anos antes de seu país se tornar independente.

Estados Unidos: uma nova arma na América Latina

Os Estados Unidos sempre tiveram a preocupação de justificar suas intervenções militares na América Latina. No começo deste século, elas se deram em favor da vida e dos bens dos cidadãos norte-americanos que viviam no Caribe e na América Central; após a Segunda Guerra Mundial, elas aconteceram para salvar a região do perigo do comunismo; e agora, com o fim do "socialismo real", elas ocorrem em nome do narcotráfico. Na verdade, ora se invadiu para ampliar o território, ora para assegurar a ideologia capitalista, ora para garantir matérias-primas e mercado, e agora se interveio para controlar os movimentos guerrilheiros e nacionalistas.

Os Estados Unidos têm, hoje, uma outra preocupação com a América Latina: destruir sua memória. O neoliberalismo, além de defender a privatização e a abertura dos mercados, também exige uma nova interpretação da história. Vejamos, a título de ilustração, o caso do México. A Revolução de 1910 foi nacionalista e antiimperialista. Através dela o México reafirmou sua identidade nacional, buscan-

do diferenciar-se do vizinho poderoso. Esta história é contada de pai para filho, visualizada nos filmes e museus, e expressada através da canção "ranchera" mexicana.

Com a participação do México no Tratado de Livre Comércio (TLC), ao lado dos Estados Unidos e do Canadá, uma das exigências era a de que o país dos astecas reescrevesse seus livros de História. Em setembro de 92, início do ano letivo, cerca de 20 milhões de crianças mexicanas se depararam com seus novos textos de história, que relatam a perda de mais de metade de seu território para os Estados Unidos como um fato quase natural. É a nova ordem econômica internacional, que não admite "preconceitos" históricos. Razão tinham os romanos, que mais assumidos do papel de seu Estado imperial, afirmavam: "vae victis" (ai dos vencidos), porque além de terem perdido a batalha escutarão o relato da mesma contado pelo vencedor.

Por outro lado, se existe algum país na América Latina que se defende da agressão cultural imperialista, é Cuba. A histó-

ria e a memória são usadas a todo momento na defesa de seu povo. Por exemplo, o edifício do quartel Moncada, em Santiago, centro da repressão aos movimentos de libertação do país, transformou-se em uma grande escola, em um país em que quase metade da população era analfabeta. O prédio do quartel Colúmbia, em Havana, sede central das Forças Armadas da ditadura de Fulgêncio Batista, tornou-se uma escola com quatro mil alunos. Uma exclusiva fazenda nos arredores da capital converteu-se no famoso parque Lênin. A privada praia de Varadero, da família Dupont, hoje abriga apartamentos para os trabalhadores em férias. A praia Giron, na Baía dos Porcos, é um bonito balneário com um museu que contém os restos da invasão norte-americana ao país.

Waldir José Rampinelli
Professor do Departamento de História da UFSC, mestre em Estudos Latino-Americanos na Universidade Nacional Autónoma do México

Os 81 mil insetos do Dr. Fritz

Pesquisador levou 70 anos para reunir um dos maiores acervos do mundo

Quando se chega em Seara e pergunta-se onde fica o Museu Fritz Plaumann, todos os 18 mil habitantes do município sabem responder: "Você pega aquela estrada ali na frente, e vai até ver uma placa 'Museu Fritz Plaumann', aí pega a esquerda na estrada de chão e vai em frente...". Na verdade são 7 km pela rodovia que liga Seara a Chapecó, e mais 10 km por uma estradinha de terra, que tem pontos onde só passa um carro por vez. Depois de 30 minutos você está em Nova Teutônia, distrito de Seara,

onde mora o entomólogo Fritz Plaumann.

O museu, um casarão cor-de-rosa de três andares, inaugurado em 88, fica no topo de uma elevação rodeada de grama e flores, e abriga aproximadamente 81 mil insetos, de 17 mil espécies diferentes. São borboletas, gafanhotos, e até morcegos. Do total, 1.600 foi o próprio Fritz Plaumann quem descobriu, e 120 receberam o nome dele.

A casa onde o entomólogo mora fica em frente ao museu, e guarda coisas que demonstram sua extrema organização. Lá, além das trezentas páginas de sua autobiografia, estão várias pastas com recortes de jornais e outros documentos acumulados durante toda a vida. Mas o que mais chama a atenção são alguns cadernos onde Fritz registra, desde 1925, a quantidade de chuva, a temperatura, se ventou, ou se o dia estava nublado, as fases da lua, e a quilometragem diária feita com o seu Jeep. Tudo muito bem cuidado pela filha adotiva que hoje continua esse trabalho.

Gisela Plaumann sempre acompanhou o pai em tudo, foram os dois que construíram os canteiros, os jardins e os portões da casa. Mas hoje ela lamenta que o trabalho começado pelo pai esteja parado. Segundo ela, "a funcionária do museu sabe classificar mas não tem estudo, isso é um dom de Deus".

Para reunir todos os insetos, o entomólogo trabalhou a vida inteira. Começou a coleção por hobby aos oito anos, quando ainda morava na Prússia Oriental, Alemanha. Aos 22 anos veio com os pais para o Brasil, e teve que abandonar o trabalho que já tinha começado. Mas chegando aqui, há 70 anos, logo reiniciou a coleção que hoje é uma das maiores do mundo.

Noventa por cento dos insetos foram coletados na região do Alto Uruguai, mas alguns eram trazidos do Mato Grosso e do Rio de Janeiro, onde costumava ir com seu caminhão. Nessas excursões Fritz conseguiu reunir insetos ra-

ros, como uma borboleta hermafrodita, que tem uma asa com a cor do macho e outra com a cor da fêmea. Hoje esta borboleta está com o cientista que a identificou. "O pai não pode fazer a identificação pois é autodidata". Para identificar os insetos, Fritz mantinha correspondência com cientistas de 12 países em cinco idiomas diferentes. Os insetos tinham que ser embalados e remetidos para a classificação. O transporte por navio demorava dias.

A coleta era feita com coletores tipo guarda-chuva, ou funis onde ele peneirava as folhas secas cheias de insetos. Alguns eram atraídos pela luz, ou perseguidos com redes. Para conservá-los, o entomólogo usava éter, cianureto, injeções de amoníaco e álcool. Hoje os insetos estão em salas com desumidificadores que garantem a conservação.

O museu recebe a visita de pessoas de vários pontos do país. É comum chegarem ônibus lotados de estudantes do interior do estado. Às vezes aparecem pessoas da França, Alemanha, Suíça e Japão. No ano passado visitaram o museu mais de 6 mil pessoas.

Josemar Sehnem

Reprodução



Paixão por insetos começou aos 8 anos

Nem Trud's é para sempre

O bar que faz parte do patrimônio de Itajaí já foi ponto de prostitutas

O gato Toco observa a cena deitado sobre a banqueta de palha. O bar está praticamente vazio, dois estrangeiros conversam em inglês ao pé do balcão. As duas portas de madeira se abrem para a avenida Vidal Ramos. Dali pode-se avistar o Itajaí-Açu, por onde passam os barcos de pesca e os navios que vêm ao porto de Itajaí.

No lado de fora, floreiras enfeitam as janelas. O casarão foi construído no início do século pela família Asseburg e sediou os consulados do Uruguai e da Alemanha no Vale do Itajaí. Em 1991 foi tombado pelo Fundação Catarinense de Cultura. Na placa luminosa está escrito "Trud's Bar". É Valtrudes Heinen, uma senhora de 65 anos de idade, quem se aproxima da mesa: "você tem que me perguntar, só assim dá para lembrar das coisas".

Lembrar o que passou por aquele balcão em 32 anos não é tarefa fácil. Esta blumenauense, que em 1962 chegou a Itajaí com o marido e um filho de onze anos, conheceu uma cidade diferente. As ruas não eram calçadas e os trilhos do cais do porto passavam do ponto que ela comprou para montar seu bar.

Naquela época, os compradores de peixe varavam a madrugada a esperar a chegada dos barcos. Café, sanduíches e conhaque eram necessários para agüentar a vigília.

Basta olhar as paredes para saber quem mais aprecia o bar. São 35 bandeiras de países e empresas de

navegação. Ela não lembra qual foi a primeira, mas a coleção aumenta quando os marinheiros olham as paredes - "a nossa não está aqui". Mais uma bandeira ganha espaço, com assinaturas e dedicatórias da tripulação à Trud e seu bar. Ela conta que os filhos e netos das pessoas que vinham ao bar também são frequentadores: "é muita amizade que fica, principalmente com os gringos". Eles são os marinheiros estrangeiros que vão ao bar, na sua maioria alemães, noruegueses e ingleses. Dos seus amigos que vêm do mar, Trud fala orgulhosa. Em trinta e dois anos nunca precisou chamar a polícia, "os rapazes me respeitam, briga é da porta para fora".

As lembranças que são deixadas ali variam: bandeiras, latinhas de cerveja, bóias salva-vidas. Estas últimas têm seu lugar de destaque. Uma delas - da Marinha de Guerra Brasileira - foi doada ao Museu do Mar de São Francisco do Sul. Uma bandeira de Portugal é emprestada todos os anos para a Marejada - Festa Portuguesa e do Pescado - que ocorre há oito anos e celebra a colonização e os costumes da região.

Na parte interna do bar existe uma pista de dança. A discoteca reúne 233 títulos. Entre os nacionais estão os de Nelson Gonçalves, Elizete Cardoso, Roberto Carlos e LP's de sambas-enredo, pagodes, músicas sertanejas, gauchescas e seleções românticas. Há também Roberto Leal, Trini Lopez, baladas italianas, cantores castelhanos e bandinhas da



Lúcio Bagello / ZER0

Valtrudes tem medo de ficar doente de solidão

Bavária. Com sua ascendência alemã e os cabelos louros, Trud prefere os ritmos germânicos.

Já que o prédio é um patrimônio histórico tombado, basta saber se ela mudaria alguma coisa na peculiar decoração interna: "nem pensar em tirar nada, o pessoal não ia deixar".

As pessoas de quem fala são os amigos que conquistou nestes anos. Frequentadores destes e de outros tempos poderiam formar uma extensa lista onde, entre desconhecidos e celebridades, figura o nome de Antônio Carlos Konder Reis. O atual governador de Santa Catarina é comedido ao narrar sua amizade com Trud. Ia ao bar na Cêcada de setenta - então senador - onde encontrava-se com um grupo de amigos no final das tardes para "beber um pouco e conversar bastante". Reforça que sua amizade maior é com Valtrudes e que pouco frequentou o lugar: "é um bar boêmio, para pessoas adultas". Acrescenta ainda que por estar muito ocupado ultimamente não tem ido ao bar, mas a amizade continua "por telefone".

Alguns deixam de ir, outros começam. Há seis anos a professora Rosita Mayer, 45 anos, realizou um antigo desejo. Desde quando era adolescente tinha vontade de ir ao bar, mas "Deus o livre", se a mãe soubesse nunca deixaria, "aquilo

não era lugar para gente decente". Esta "má-fama" do bar já é antiga, do tempo em que o fluxo de marinheiros era maior do que hoje e as prostitutas faziam ponto ali. Rosita aproveitava as épocas de carnaval, "quando as máscaras garantem o anonimato", para entrar e espiar as coisas. O tempo passou, quando foi morar sozinha começou a ir até lá com um grupo de amigas para jogar cartas e conversar nos finais de tarde, "aqui se aprende de tudo, de piada a política". Hoje casada e com filhos, leva o marido e a mãe para lá.

Se depender dos amigos, frequentadores e admiradores, o ideal é que o Trud's Bar funcione para sempre. Mas o terreno onde fica tem um dono. Aducci Corrêa quer a propriedade de volta. Valtrudes confessa que já está cansada de trabalhar e presta a fechar um acordo com Aducci. Hoje ela mora nos fundos do bar. Quer dinheiro para comprar uma casa e levar sua vida de aposentada e viúva.

Apesar de estar cansada de trabalhar, Trud sabe a falta que vai fazer o bar e tudo que ele representa na sua vida. As amizades feitas e cultivadas no balcão. Ela quer a tranquilidade de uma nova vida, mas sabe que uma boa parte dos amigos não vai acompanhá-la. Há um dado que seu físico robusto esconde: o medo de ficar doente. Mas doente de quê, Trud? "De solidão".

Joyce Sabatke

ZERO - SETEMBRO 94

Brasileirão é o novo desafio do Criciúma

Torcida dá todo apoio ao Tigre, que volta a disputar o Campeonato Brasileiro depois de seis anos

O futebol catarinense está de volta à primeira divisão do Campeonato Brasileiro, representado pelo Criciúma Esporte Clube. A última vez que Santa Catarina participou desta competição foi em 1988, quando o mesmo Criciúma foi rebaixado. O Tigre, como é conhecido, montou uma equipe competitiva para o torneio, e vai tentar a classificação em um grupo que tem ainda Flamengo, Corinthians, Grêmio, Sport e Bragantino. Para isso, conta com grande apoio de sua torcida, que lotou o estádio Heriberto Hülse nas primeiras apresentações do time.

Mais de dez mil pagantes estiveram presentes nas duas primeiras partidas do Criciúma no Campeonato Brasileiro, contra Corinthians e Flamengo. O Tigre jogou bem, mas não venceu. Foram dois empates em 1x1. No primeiro jogo, o empate teve sabor de

vitória, pois a equipe jogou metade do primeiro tempo e quase todo o segundo atrás do marcador, empatando a sete minutos do final da partida. A torcida saiu do estádio comemorando o empate. No jogo contra o Flamengo, o Criciúma saiu na frente mas cedeu o empate quando faltavam oito minutos para o final do jogo. Para os torcedores aquele empate teve tanto impacto quanto uma derrota. Enquanto a torcida do Flamengo comemorava o resultado, os criciúmensis saíram em silêncio das arquibancadas. Nos demais jogos do primeiro turno, mais dois empates em 1x1 - contra Bragantino e Sport - e uma derrota de 2x1 para o Grêmio.

A equipe do Criciúma tem uma torcida diferente das demais torcidas dos times catarinenses. Quem vai ao estádio não são apenas homens acompanhados de seus filhos. Quem for ao Heriberto Hülse em dia de jogo vai ver muitas mu-



heres incentivando o Tigre. Garotas como Carolina Guidi, 19 anos, estudante de Jornalismo na UFSC, que foi pela primeira vez ao estádio no dia do jogo com o Corinthians. "Nunca tinha assistido a uma partida ao vivo. Adorei e irei aos jogos do Criciúma sempre que puder".

Ainda que os torcedores digam que a cidade é apaixonada por futebol, não se pode negar que a presença de times considerados "grandes" nos jogos é a responsável pelo bom público que tem ido Heriberto Hülse. No Campeonato Catarinense a média de público despensa para três mil torcedores por jogo. Este ano, o maior público do campeonato foi no jogo Marcílio Dias 4x2 Joaçaba, em 13 de março, que teve 6.300 pagantes. O jogo do Criciúma com maior público foi contra o Figueirense, que teve pouco mais de cinco mil pagantes.

A cidade de Criciúma tem onze títulos estaduais de futebol. Cinco com o Metropol (60, 61, 62, 67 e 69), um com o Comerciário, em 68 e cinco com o Criciúma (86, 89, 90, 91, 93). Mas o Tigre tem também o título inédito de penta vice-campeão. De 80 a 84 ficou atrás do Joinville. O

Time quer reviver bons momentos da Copa do Brasil de 91

Criciúma não venceu no primeiro turno. Foram quatro empates em cinco partidas

Criciúma é o único time que tem um título de expressão nacional. Em 91 o Tigre ganhou a Copa do Brasil, torneio do qual participam todos os campeões estaduais do Brasil e alguns vice-campeões. Na final, o Criciúma empatou com o Grêmio no Heriberto Hülse em 0x0 e garantiu uma vaga na Taça Libertadores de América em 1992.

Com uma boa participação na Libertadores - o Criciúma terminou em quinto, sendo desclassificado pelo São Paulo, que foi o campeão - o time tornou-se a equipe catarinense de maior projeção no cenário nacional. No ano seguinte o Tigre ascendeu à Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro, sendo ajudado por uma incrível combinação de resultados na última rodada da fase classificatória. O Criciúma precisava vencer o Atlético Paranaense em Curitiba, torcer para que o Coritiba, que jogaria em São Paulo contra a Portuguesa de Desportos não vencesse e esperar um tropeço do América-MG diante do lanterna do Grupo, a Desportiva, em casa. O Tigre venceu o Atlético por 1x0, o Coritiba perdeu de 3x0 e o América-MG empatou sem gols com a Desportiva.

SETEMBRO 94 - ZERO



Fórmula maluca complica Campeonato Catarinense

O Campeonato Catarinense da Primeira Divisão de 94 está ameaçado de não terminar este ano, devido à participação do Criciúma no Campeonato Brasileiro. Caso o Tigre obtenha a classificação nos dois torneios, vão faltar datas no calendário para as fases semifinal e final do campeonato estadual, pois o Brasileiro é prioritário.

Esta confusão se deve à complicada fórmula de disputa aprovada pelos clubes. O campeonato, que iniciou no dia 20 de fevereiro, tem cinco fases. Na primeira, chamada de Taça Governador do Estado, que foi até o dia 19 de junho, os 14 times jogaram entre si em turno e retorno para definir os grupos para a segunda fase. Nenhum clube foi desclas-

sificado. Os times foram divididos em dois pentagonais - Principal (que incluiu do primeiro ao quinto da Taça Governador) e Secundário (do sexto ao décimo) - e um quadrangular com os quatro últimos colocados. Nesta fase o Criciúma entrou com um ponto de vantagem por ter sido o campeão da Taça Governador do Estado.

Os times do mesmo grupo se enfrentaram para definir os oito finalistas. Quatro saíram do Pentagonal Principal, três do Secundário e um do quadrangular. Com estas regras, foi impossível evitar injustiças. O Joinville, quarto colocado na classificação geral, ficou de fora, enquanto o Internacional de Lages, que venceu apenas

dois jogos e ficou na lanterna, classificou-se. Esta fase terminou em 21 de agosto.

As oito equipes que sobreviveram à maratona de jogos foram então divididas em dois grupos de quatro. No Grupo E ficaram Tubarão, Juventus, Chapecoense e Inter de Lages, e no F Criciúma, Figueirense, Blumenau e Marcílio Dias. Esta fase tem final previsto para o dia 2 de outubro. Os dois primeiros de cada chave passam à semifinal. Os vencedores das semifinais fazem a final em dois jogos. Estas partidas ainda não têm data marcada.

Textos e fotos: Paulo de Tarso

Números

O Campeonato Catarinense teve, até o dia 21 de agosto, 234 jogos onde o total de gols foi de 634, com a média de 2,71 gols por partida. As maiores goleadas foram Joinville 5x0 Chapecoense, Joaçaba 0x5 Joinville, Figueirense 5x0 Chapecoense e Figueirense 5x0 Juventus. As equipes com o melhor ataque foram o Juventus e o Figueirense, que marcaram 54 gols cada. Os piores ataques foram os do Joaçaba e da Caçadoreense, que marcaram apenas 33 vezes no campeonato. A melhor defesa foi a do Joinville, que sofreu 32 gols. Já a do Joaçaba, em situação oposta, levou 69 tentos. O artilheiro da competição foi, até o fim da segunda fase, Alair, do Juventus, que fez 18 gols. O time que mais venceu foi o

Juventus, 16 vezes em 32 partidas. Em seguida vem o Criciúma, com 15. A que mais perdeu foi a do Joaçaba, que teve 20 derrotas. O Inter de Lages perdeu 17 vezes no campeonato. O Tubarão foi a equipe que menos perdeu. Apenas seis partidas. O Criciúma foi derrotado em sete jogos. Quem venceu menos foram Joaçaba e Internacional. Cinco e sete vitórias, respectivamente. O público não tem prestígio muito os jogos do "Catarinão". A média de público é baixa: 1.225 pagantes por partida. O maior público foi no jogo Marcílio Dias 4x2 Joaçaba, em Itajaí. 6.259 pagantes assistiram ao jogo, no Estádio Hercílio Luz. Já o jogo que teve menos pagantes foi Concórdia 0x0 Internacional de Lages, com 18 pessoas.

Artimanhas do ciúme

*Laxantes,
algemas e
seqüestro:
vale tudo
para segurar
o amado*

ZERO - SETEMBRO 94

Canal ZERO

Malas da TV

Quem acompanha a programação esportiva da Bandeirantes conhece o malabarismo retórico do apresentador Elia Júnior. Durante a Copa, quando os jornalistas brasileiros foram impedidos de entrar no estádio para acompanhar um dos treinos da seleção, ele disparou: "essa história de entra ou não deixa entrar é diretamente proporcional à grande paixão que nós, brasileiros, sentimos pelo grande e invulnerável futebol".

Encarregado de enrolar enquanto os eventos esportivos não começam ou quando há algum problema técnico, Elia costuma usar cinco minutos para dizer o que poderia ser dito em dez segundos. Desses improvisos é que saem as maiores bobagens. "Depois de quarenta dias em Dallas, a gente começa até a gostar da cidade. Fazendo uma comparação, eu diria: quando o estupro for inevitável, relaxe e aproveite".

Mas a TV tem outras malas: Boris Casoy, que confunde opinião com sermão e faz com que o TJ Brasil tenha tantos bordões quanto a Escolinha do Professor Raimundo. Gugu Liberato, que acumula as funções de apresentador de programas chatos e empresário de artistas chatos. Maria Paula, que com aquele estilo "new-riponga-sem causa" foi eleita pelos jovens, numa pesquisa do DataFolha, a pior apresentadora de 93, perdendo até para o Bolinha.

Já a jurada Flor faz o estilo lóraburra. Um dia, apresentando o Show de Calouros, ela percebeu a semelhança entre os membros da uma dupla sertaneja. Perguntou se eram gêmeos e os rapazes, tímidos, apenas confirmaram com a cabeça. Para descontrair, Flor perguntou o signo do primeiro. "Capricórnio", ele respondeu. Então, Flor perguntou o signo do outro. "Capricórnio", ele respondeu.

Os que ficam indignados com as malas da TV têm, vez ou outra, momentos de consolo. Um deles foi quando Celso Russomano - aquele repórter do Aqui Agora que ameaça pôr todo mundo na cadeia baseado no Código de Defesa do Consumidor - levou um corretivo de um comerciante mais exaltado. Outro foi quando Clodovil, especialista em constranger entrevistados, viu o feitiço virar contra o feitiço. Num programa ao vivo, perguntou ao cantor Lobão se ele continuava usando drogas. "Não. E você, continua dando a bundinha?"

A disputa do troféu "Mala da TV" seria acirrada também em Santa Catarina. Entre os favoritos, Miguel Livramento, com seu dialeto cheio de metáforas inusitadas; Luis Carlos Prates, defensor da moral e dos bons costumes; e o eterno "jovem" Cacau Menezes. Isso sem falar no Paulo Alceu, que, gritando daquele jeito, devia ser proibido depois das dez da noite.

Maurício Oliveira

Há um ano, a dona de casa Jussara Pereira, de Florianópolis, aprontou uma verdadeira façanha. Sabendo que o marido teria um jantar de negócios e depois sairia com os amigos, ela deu um jeito de desfazer o programa. Jussara preparou, no dia anterior, uma mistura de bolo de cenoura com purgante em doses generosas. No dia do jantar, o marido teve uma dor de barriga "inexplicável" e acabou ficando em casa. A atitude de Jussara foi resultado do ciúme. Esse sentimento que já rendeu milhares de histórias desde o começo do mundo.

No Olimpo, havia deuses ciumentos e vingativos. Hera e Zeus tinham uma relação tumultuada. Ele era um conquistador, e ela a deusa protetora dos casamentos legítimos.

Quando traída, Hera vingava-se da rival e dos possíveis filhos bastardos, quase sempre com golpes fatais. E não é só grego que sente ciúmes. O tempo passou e os ciumentos ficaram, felizmente um pouco mais controlados. Hoje em dia, pelo menos entre os jovens, supõe-se que o ciúme está totalmente fora de moda. Com as relações abertas e o mais recente fenômeno conhecido por "ficar" (namorar por um anoite, sem maiores compromissos), o ciúme passou a ser considerado um sentimento ultrapassado. Sentir ciúme até pode, manifestá-lo é que é o problema. Vingá-lo, então, é o fim da picada.

Será mesmo? Uma pesquisa feita pelo DataFolha e publicada no último dia dos namorados no jornal *Folha de São Paulo* mostra que tem muito ciumento espalhado por aí. Segundo a pesquisa, que entrevistou pessoas de vários estados do Brasil, 39% das pessoas deixam o parceiro perceber que estão com ciúmes. E, ao contrário do que se poderia deduzir, os mais ciumentos estão na faixa etária de dezesseis a vinte e cinco anos. Tem gente até que não aceita amor sem ciúme. É o caso da estudante de segundo grau Cristine Lima: "se meu namorado não tiver ciúme, é porque não gosta de mim". Já o estudante de economia Marcos Gonzaga, de 21 anos, assumiu uma mudança de comportamento por causa do ciúme. Marcos quase perdeu o controle quando viu sua namorada dançando lambada com um outro numa festa: "fiquei com tanto ciúme que resolvi aprender a dançar".

A pesquisa revela que a maior causa de ciúme é a queda no interesse sexual. Para a psicóloga Valéria Bitencourt, as causas do ciúme são infundáveis. "Pra quem é ciumento, qualquer

coisa é motivo de desconfiança", disse Valéria. Para ela, quando o ciúme é exagerado, acaba com a paz no relacionamento. O ciumento sofre porque não consegue se controlar e sabe que torna a vida do parceiro um inferno. Ai já é hora de procurar tratamento.

A doutora Valéria explica que qualquer tipo de ciúme é provocado por insegurança, que pode ser em relação à própria pessoa ou ao parceiro. Para ela, quem tem ciúme doentio não confia em ninguém. A pessoa fica sempre alerta para acusar o parceiro fren-



"Se não consegue acabar com o ciúme, pelo menos aprende a controlá-lo", explica a psicóloga.

Isso é o que deveria ter feito Edson Munilo da Silva, de 27 anos. Ele assassinou Roberto Carlos Mayrink, de 29 anos, namorado de sua ex-mulher. O crime passionai aconteceu em São José, na grande Florianópolis, em junho deste ano. O motivo do homicídio foi ciúmes. Edson estava separado da mulher, Janete Ilma da Silva, com quem tinha uma filha. Não suportando ver sua ex-mulher com o namorado Roberto, acabou matando-o com uma facada. Casos como esse, de ciúme doentio, já renderam muitos filmes. Em "Atração Fatal", por exemplo, a personagem de Glenn Close seqüestra a filha do amante e tenta matar sua mulher.

Histórias absurdas por causa de ciúmes acontecem em toda parte. Na França, Catherine Lambrecht vivia com algemas nos pés em função do ciúme do marido. Como se não bastasse, ela só podia sair de casa usando uma corcunda de plástico por baixo de suas roupas. Catherine, que era jovem e bonita, dizia aceitar tudo por amor.

Hoje ainda existem pessoas que se submetem ao parceiro. A pesquisa do DataFolha revela que 31% das mulheres admitem que o homem pode até ter outras, desde que volte sempre para casa. É a velha história: o que os olhos não vêem, o coração não sente.

Quando se fala desse sentimento avassalador, homens e mulheres estão empatados. As donas do "sexo frágil", na maioria, deixaram de viver dominadas pela vontade dos "machões". Houve um tempo em que a mulher ficava mais atormentada pelo ciúme, mas com toda essa independência feminina, os homens estão com a pulga atrás da orelha.

te ao mínimo indício que justifique suas suspeitas. "O medo de ser abandonado decorre da baixa estima que tem por si mesmo", diz a doutora. Ela exemplifica suas afirmações contando que algumas pessoas chegam a desejar ser parecidas com alguém que o parceiro goste muito ou que represente o ideal dele.

Quando chega nesse ponto, o ciúme parece doença. E foi por isso que, em 1966, pesquisadores norte-americanos fizeram experiências para descobrir uma vacina anti-ciúme. Eles produziram um tranquilizante especial e o injetaram em gatos, animais extremamente ciumentos. Como se pode deduzir, a experiência não deu certo com seres humanos.

É difícil ignorar que o ciúme tenha resultado em verdadeiras obras primas da cultura brasileira. Para o compositor Lupicínio Rodrigues, nem "pessoas com nervos de aço, sem sangue nas veias e sem coração" estão livres. Roberto Carlos, Rita Lee, Kid Abelha e vários outros também fizeram sucesso às custas do ciúme. Mas com certeza a música que botou o ciúme na boca do povo foi "Ciúme", do Ultraje a Rigor. Essa música estourou nas paradas de sucesso dos anos 80 com versos como "eu me mordo de ciúme".

De qualquer maneira que se manifeste, o ciúme deve continuar rendendo boas e más histórias. Pode até virar receita para matar um amor, como ensina a estudante de administração Laura Emanuelli: "Seja bem ciumenta. Investigue a vida dele, atenda o telefone quando estiver na casa dele. Proíba-o de ter amigas. De vez em quando tenha crises com direito a choro e frases do tipo: "se você me trair eu me mato". Essa receita é tiro e queda. Laura usou com um ex-namorado e nunca mais teve notícias dele.

Alline Cabral

"Sou e assumo"

Mas durante o dia
Paloma tira o salto
e transforma-se em
Nildo, o cobrador

Nildo Rosa Corrêa, 30 anos de idade. Durante o dia, cobrador de ônibus, tarefa que executa há treze anos. Paloma, a outra face de Nildo. À noite, travesti do Estreito de Florianópolis.

Nildo mora sozinho no ponto final de Barreiros, São José, numa meia-água de aproximadamente cinco metros quadrados e de quatro peças.

- O Nildo está?

- Está sim. Entra. Eu vou chamar.

- Quer um café? Perguntou um rapaz de mais ou menos 16 anos.

A porta do quarto abriu e Nildo saiu com cara de sono. Bermuda de algodão branca, pés descalços, unhas pintadas e, apesar do camião, dava pra notar os grandes seios que devem causar inveja a muita mulher. Dirigiu-se a uma pequena sala. Cinco poltroninhas, um aparelho de som, pouca luz, apenas uma basculante. Na parede em frente, um quadro de touradas.

- Na verdade nunca fui homem. Enganei minha mãe, pai e parteira. Tenho uma irmã gêmea. Quando nascemos, pensaram que era um casal mas na verdade eram duas meninas.

Ele foi criado em uma família de quinze irmãos, onze homens, que nunca se sujeitaram a usar roupas de mulher ou qualquer outro objeto de vaidade feminina, nem mesmo no carnaval. A família, principalmente os pais, era muito religiosa. Para eles homem tem que casar com mulher, não interessa se é feia, capenga, mas tem que casar.

Nildo tentou namorar. Teve até algumas mulheres. Prova disso são seus dois filhos, Juliana de 6 anos e Loruan de 4, embora não tenha certeza se são seus mesmo.

- Homossexualidade vem de berço.

Ele conta que ficava com mulhe-

res belíssimas, mas o que queria era um homem. As pessoas que conviviam com Nildo suspeitavam de que ele era bicha, mas como era bom moço, de família boa, ia todos os finais de semana na missa, tinha namoradinha e se vestia como homem, ninguém o incomodava.

Só que Nildo não era feliz. O que ele queria era se assumir, ser um travesti. Não um viado. Para ele são coisas diferentes: viado é homossexual, mas aos olhos da sociedade é um homem, porque se comporta como tal. Travesti teve a coragem de assumir a homossexualidade e se comporta como uma mulher.

Aos 17 anos o pai de Nildo descobriu suas preferências sexuais e o mandou embora de casa, em Imbituba. Hoje toda a família o aceita.

- Meu pai me chamou de volta porque, afinal de contas, era o sangue dele que corria em mim.

Nildo se afastou da Igreja e de tantos outros lugares que gostava de frequentar, por causa da pressão da sociedade. Ele não quer passar vergonha ao ser barrado em alguns lugares, porque sempre anda vestido de mulher.

Paloma nunca teve nenhum relacionamento com seu filho Loruan. A mãe do menino se casou com um homem rico e não o avisou quando o filho nasceu. Quando conheceu o garoto, ele já estava grande. Ela não quer contar para o filho quem é o pai verdadeiro porque o padrasto e a criança se adoram.

Com Juliana foi diferente. No início Paloma e a menina se viam com frequência e se davam muito bem. Só que a mãe começou a assustar a menina, dizendo que o pai iria surrá-la e trancá-la num quarto escuro. Juliana passou a ter medo dele. Pra completar, a mãe exigia de Nildo o que ele não podia dar: dinheiro.

No começo ele até ajudava. Mas depois não teve mais condições de sustentar os caprichos da filha, que estava sendo mal acostumada e só vestia roupas de etiqueta.

- Fomos pra justiça. A mãe disse ao juiz que tínhamos vivido juntos dez anos. Que mentira! Não foi nem um dia!

Há uns cinco meses foram ao fórum resolver a situação da filha. Quando chamaram o pai, ele entrou de meia-taça, calça de algodão, bem maquiado, penteado, brincão, sapato bem alto. A escritora queria sumir. O advogado da mãe e o juiz soltaram boas gargalhadas.

- Foi muito engraçado. Duas mães disputando uma criança. Eu não queria ter filhos, mas já que tenho...

Paloma tem duas paixões. O trabalho como cobrador e a avenida. Já foi convidado até para ser motorista ou fiscal. Não aceitou porque gosta do dia-a-dia na catraca. O que lhe causa nojo é quando algum "bofe" dá uma cantada para não cobrar a passagem. Já aconteceram casos de pessoas que não o aceitavam. Um belo dia esqueceram ou perderam o passe de ônibus e ele deixou-os passar e pagou do próprio bolso. Paloma quer conquistar as pessoas, ter um milhão de amigos, mas nenhum inimigo. É uma pessoa muito querida pelos colegas de trabalho. "O Nildo é fantástico - disse um dos motoristas da empresa. Ele é meu parceiro. No serviço, claro!".

Além das seis horas de trabalho em coletivo, Paloma batalha ainda três horas por noite no Estreito. Adora a avenida. Se faltar um dia, adoece. A maior parte da sua clientela são homens casados e magnatas. Noventa e cinco por cento voltam. O que eles querem são apenas aventuras diferentes, realizar os desejos que não têm coragem de fazer com as mulheres.

Certa vez, um garoto de uns 18 anos parou o carro e o convidou para entrar. Era um garoto inexperiente, muito rico, carro do ano. Paloma perguntou por que ele estava procurando um travesti se, com certeza, havia muitas meninas atrás dele. O rapaz respondeu que as garotas são muito convencidas porque têm uma "pomba" no meio das pernas. Além disso, ouviu dizer que os homossexuais são mais carinhosos. Depois do programa agradeceu, pagou e disse que era mesmo verdade.

- É, nós somos mais carinhosas porque não temos vagina para atrair os homens. Precisamos conquistá-los, e isso só se consegue com afeto. As mulheres são frágeis por natureza e querem receber mais atenção do que dar.

Paloma amou apenas uma vez.

- Era um homem. Macho mesmo. Este homem nunca o beijou nem tocou no seu pênis. Mas Paloma deixaria qualquer coisa para ficar com ele. Gostava da atenção que recebia do amado. O amor entre dois homens, segundo Paloma, é o mais forte que existe porque tem que enfrentar toda uma sociedade conservadora.

- É difícil, mas não impossível. Talvez foi por medo da sociedade que não deu certo. A lembrança que restou foi o quadro das touradas.

Nildo deitou-se no sofá e olhou, triste, para o quadro.

- Posso me desfazer de tudo, menos dele.

Depois Paloma falou do movimento noturno depois do surgimento da Aids. No início caiu uns 60% e não era mais preciso enfrentar fila em motel. Agora já normalizou. Pra se prevenir, ele sempre usa camisinha, chega até fazer estoques.

- Mas se depender dos clientes... Eles nunca levam preservativo.

Alguns dos colegas de Paloma

... à noite, vai para a batalha, como o travesti Paloma



Rogier Gnecco / ZERO

Nildo Corrêa, de dia é cobrador de ônibus, ...

têm a doença e transam sem camisinha. O maior cuidado que os outros travestis têm é o de não sair com os clientes dos que têm a doença.

Um exemplo é o travesti chamado Carol. Agora ele está em Curitiba, mas disse que vai passar o vírus.

- Ela é bonita e grande, todos querem sair com ela. Vão se dar mal.

Outro é a Marcela. Em poucos dias ela, que era sempre alegre, entristeceu, começou a emagrecer e sentir dores.

- O dia que ela saiu da avenida para ir ao médico não voltou mais. E não são só estes casos, tem muitos outros...

Paloma reconhece que a melhor coisa que foi inventada nos últimos tempos foi a camisa-de-vênus.

- Depois do programa é só tirar a camisinha e passar um pano. Antes ficava toda lambuzada. Além de evitar a Aids, se evita outras tantas doenças venéreas. A camisinha tira um pouco do prazer. Mas é melhor sentir menos prazer e ter mais tempo de vida.

O preço dos programas é diferenciado. Se for em motel é mais caro. Às vezes, quando se trata de um cidadão de boa aparência, ele nem cobra. Mas o preço, em geral, fica em torno de dez a vinte reais.

A maioria dos travestis toma hormônio feminino, que pode ser adquirido facilmente nas farmácias e drogarias.

- Quem toma hormônio custa a envelhecer. Prova é a Carla, uma das mais antigas e conhecidas de Florianópolis. Ela tem uns 50 anos e não aparenta.

Paloma acha que homem de verdade jamais devia usar roupa feminina, brinco, batom, enfim, objetos de vaidade feminina. Quando isso acontece, como no carnaval, é porque eles liberam as fantasias femininas que existem no íntimo e que não influenciam diretamente na vida pessoal.

- Como no carnaval tudo é permitido, eles aproveitam para fazer o que têm vontade. Pode notar que no carnaval eles ficam mais frescos, todos pintados, colocam peito. São mais afeminados que nós.

Alessandra Mathyas

Ligações perigosas

Choques ao telefone são comuns e já mataram usuários

Quem ouvia o noticiário da Rádio Itapiranga no dia 12 de julho de 93, ao meio-dia, ouvia a seguinte notícia: "Itapiranga - o temporal deste fim de semana na cidade fez uma vítima fatal. Aldair Encarnação, 17 anos, estava nas dependências do CTG Potão do Oeste, onde havia uma competição de Bocha, modalidade masculina. Por volta das 19h45min, quando atendeu o telefone, recebeu uma violenta descarga elétrica. Um raio atingiu a linha telefônica e feriu mortalmente o rapaz. Segundo o médico Bernardo Hundt, que diagnosticou o óbito, Aldair sofreu parada cardíaca e respiratória e chegou ao hospital já sem vida. O médico informou que tentou reanimá-lo de todas as formas por trinta minutos, mas não obteve resultados. Aldair José da Encarnação era funcionário da Rádio Itapiranga."

Sorte - Na casa de Naira Silva Castro, no Morro das Pedras, em Florianópolis, há um buraco de cerca de 7cm x 5cm, na lajota do piso. O buraco fica no local onde estava o telefone no ano passado. A moradora conta que num dia de tempestade caiu um raio no telefone de sua residência, causando o buraco na lajota de sua casa. Ninguém se machucou, já que o telefone não estava sendo usado naquele momento. O susto foi muito grande. No dia em que o técnico da Telesc foi ver o problema, comentou que se ela estivesse ao telefone no momento do raio poderia ter morrido. Foi necessário trocar toda a fiação telefônica desde a sua casa até a Central, já que o fio estava todo queimado. O telefone não teve mais conserto. O conselho que Nair recebeu do técnico da Telesc foi o de que em dia de tempestade ela deveria tirar o telefone e a televisão da tomada. No mesmo dia em que o aparelho de Naira estragou, outro telefone, numa casa da mesma rua, também queimou. Ela conhece o caso de um menino que morreu em Porto Alegre em um dia de tempestade. Um raio atingiu o telefone quando o rapaz estava usando o aparelho. Naira também teve um telefone queimado por causa de um raio quando morava naquela cidade.

Não adianta ligar para a casa de Neuza Coelho Fernandes em dia de tempestade. O telefone não será atendido. Ela também já levou um susto por causa de um raio, há dez anos. Quando conversava com a vizinha ao telefone, e segurava a filha no colo, ambas levaram um choque. Neuza, que mora no bairro Anchieta, conta que com o choque soltou a criança, mas não se machucaram.

"A coisa mais horrível do mundo" - É assim que Vera Lúcia Fernandes define o que aconteceu no último verão. A moradora do Saco dos Limões relata que na mesma hora em que morria um rapaz no Morro da Fumaça, ao encostar numa torneira, ela também recebeu um choque. Estava ao telefone e afirma ter ficado com a orelha e a mão pretas. O aparelho telefônico não estragou e ela não reclamou na Telesc. Vera conta que durante um mês teve constantes dores de cabeça, e que ainda as têm hoje em dia. Assegura que não atende mais o telefone em dia de trovoadas.

O engenheiro da Telesc, Arcênio Ramon Fernandes, garante que nunca ouviu falar em um caso sequer de alguém que tenha morrido com descarga elétrica enquanto estava ao telefone. Ele admite que até pode acontecer de alguém receber uma descarga elétrica, mas faz questão de sublinhar que é quase impossível. Ele sustenta que o sistema de aterramento da Telesc feito nos postes é muito bom. Já Samuel Crespo, técnico da Matel Teleinformática, discorda. "As redes são mal aterradas. Têm um padrão para cinquenta anos atrás. É por isso que equipamentos de última geração, como secretárias eletrônicas e telefones sem fio, estragam com muito mais facilidade do que aparelhos convencionais, já que requerem um aterramento melhor". Crespo explica que o que estraga os telefones é a oscilação na luz provocada pelo raio. Os técnicos concordam num ponto: é muito difícil alguém levar um choque ao telefone. Para isso acontecer a tempestade precisa estar próxima.

O engenheiro da Telesc diz que o raio cai na fiação da Celesc e induz corrente nos fios da empresa telefônica, já que ambas estão no mesmo poste. Assegura que o risco de alguém morrer no chuveiro nessas condições de tempo são muito maiores. Afirma que se passar, "é só um restinho de corrente. Se chegasse corrente suficiente para matar alguém, os fios dentro do telefone derreteriam. São especial-

mente finos para enfrentar este tipo de problema."

O professor do curso de Engenharia Elétrica da UFSC Geraldo Kindermann revela que muitas pessoas já morreram ao telefone por descargas elétricas. "O engenheiro da Telesc está defendendo a empresa ou não conhece muito do assunto", acusa. Kindermann destaca que as tempestades que vêm do mar para a terra são mais perigosas do que as que vão em direção ao mar, por estarem mais carregadas. Conforme o professor, também é perigoso levar o telefone para o banheiro, pois ele trabalha com uma tensão de 48 volts. Quando o corpo está molhado, pode matar. Kindermann diz ainda que os aterramentos em prédios são mais seguros que os de casas.

Quem liga para o telefone 103 (Solicitação de Consertos) da Telesc, buscando informações sobre o seu telefone que já queimou várias vezes no Sul da Ilha de Santa Catarina e é atendido por Tânia, ouve dela que o problema não é da Telesc. Porém, ela explica: "Eu moro no Morro das Pedras, e também já tive o telefone da minha casa estragado em dia de tempestade. O técnico daqui da Telesc disse pra mim que em dias assim é melhor tirar o telefone da tomada ou não encostar nele, pois pode ser perigoso."

O técnico da Eletrônica Vetor Sérgio Silveira informa que depois de tempestades vêm muitos telefones para o conserto. Tanto ele como Andrey Correia, da Primat Eletrônica, também acham que os telefones sem fio e secretárias eletrônicas estragam com maior facilidade. Edson Elpo, da Ditel Telecomunicações, diz que estes equipamentos têm maior propensão a estragar por estarem ligados a dois sistemas: Telesc e Celesc. Mas garante que é incomum alguém levar um choque assim. Elpo julga que o sistema não é bem aterrado. Acrescenta que existem proteções da linha, que quando ligadas em um bom aterramento dão total segurança. Segundo ele, é muito comum haver problemas em bairros como Santo Antônio, Roçado e Bom Abrigo.

O engenheiro da Koerich Engenharia e Telecomunicações Alberto João Cunha Junior alerta que em planícies é maior a probabilidade de caírem raios, por eles não terem para onde escoar. Informa que o raio "procura" o caminho mais curto entre a nuvem e a terra. Observa que é por isso que televisores, devido à antena externa, e telefones, devido aos postes, oferecem maior perigo. Cunha lembra de um amigo seu que trabalhava em um aparelho de telefonia rural e levou um choque em um dia de tempestade.

O médico legista e professor da UFSC Zulmar Coutinho diz que se o raio pegar diretamente o telefone, a pessoa que estiver falando morre, já que a carga é muito violenta. Zulmar explica que em casos de descargas elétricas menores o perigo é maior quando o coração está "repolarizando", a grosso modo, entre a sístole e a diástole. Coutinho conta que um dia, quando utilizava um telefone público em um dia tempestuoso, levou um choque.



Elmar Meurer